



Camila Vieira Rocha

ABELHAS RAINHAS: UM ESTUDO SOBRE A APICULTURA COM  
MULHERES RURAIS NO NORTE DE MINAS GERAIS.

Montes Claros/MG

Novembro/2021

CAMILA VIEIRA ROCHA

ABELHAS RAINHAS: UM ESTUDO SOBRE A APICULTURA COM MULHERES  
RURAIS NO NORTE DE MINAS GERAIS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Sociedade, Ambiente e Território da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Território.

Área de concentração: Planejamento Urbano e Regional

Orientador: Prof. Dr. Fausto Makishi

Montes Claros

Novembro/2021

Rocha, Camila Vieira.

672a Abelhas rainhas: um estudo sobre a apicultura com mulheres rurais no norte de Minas Gerais.  
2021 [manuscrito] / Camila Vieira Rocha. Montes Claros, 2021.  
68 f.

Dissertação (mestrado) - Área de concentração em Sociedade, Ambiente e Território.  
Universidade Federal de Minas Gerais / Instituto de Ciências Agrárias.

Orientador: Fausto Makishi.

Banca examinadora: Marla Weihs, Andréia Maria Narciso Rocha de Paula, Fausto Makishi.

Inclui referências: f. 55 – 61.

1. Capital Social. 2. Desenvolvimento Rural. 3. Sociologia Rural. I. Makishi, Fausto. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Agrárias. III. Título.

CDU: 316.5

ELABORADA PELA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DO ICA/UFMG  
Edélzia Cristina Sousa Versiani - Bibliotecária - CRB 1349

Camila Vieira Rocha

ABELHAS RAINHAS: UM ESTUDO SOBRE A APICULTURA COM MULHERES RURAIS NO NORTE DE  
MINAS GERAIS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Associado UFMG-Unimontes em Sociedade, Ambiente e Território, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Território. Área de Concentração: Sociedade, Ambiente e Território.

Área de concentração: Planejamento Urbano e Regional

Linha de Pesquisa: Sociedade e ambiente

Aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dra. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula  
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

Prof. Dra. Marla Weihs  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Prof. Dr. Fausto Makishi (Orientador)  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Montes Claros, 12 de novembro de 2021



Documento assinado eletronicamente por **Fausto Makishi, Professor do Magistério Superior**, em 10/01/2022, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1186120** e o código CRC **053B7394**.

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que me inspiraram fazendo parte da minha vida e me guiando na construção da mulher que me tornei.

## AGRADECIMENTO

Pensar no caminho percorrido até aqui me faz lembrar de cada momento que foi vivido e experienciado na concepção dessa pesquisa. Diante de todas as inseguranças primeiramente agradeço meus pais Valdete e Manoel por sempre estarem em minha vida, me apoiando e guiando nas minhas escolhas.

Ao meu marido Pedro Henrique, que embora estivéssemos distantes por um período, sempre me apoia nas minhas decisões de ir atrás dos meus sonhos, além de estar comigo na concepção do presente mais lindo que poderia possuir que é nossa filha Alora Ayo, que embora ainda seja pequena esteve comigo desde o início nos momentos mais difíceis me dando força para não desistir.

Ao meu irmão que foi o primeiro a acreditar que conseguiria ingressar no Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território e dividir comigo todo o processo.

Agradeço imensamente ao meu Professor e Orientador Fausto Makishi que esteve ao meu lado desde o início, pela paciência, pelo cuidado em um momento que mais precisei, que foi durante minha gestação. Serei eternamente grata por cada palavra de apoio e tranquilidade que me dedicou nesses meses de trabalho.

Aos meus professores do PPGSAT, que fizeram parte de cada escolha que me levou a desenvolver esse trabalho. Obrigada a cada um de vocês por me ajudar a me tornar a pesquisadora que sou hoje.

Aos meus colegas de turma Aldine, Aldinei, Ana, Antônio, Eric, Jaqueline, Jeane, Jonathan, Juliana, Luana, Patrícia, Rodrigo e Rosani, por compartilhar momentos únicos e especiais nessa jornada, sendo fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

As apicultoras de Guaraciama que se dispuseram a me permitir relatar e vivenciar um pouco de suas histórias, processos de lutas e superações até as conquistas alcançadas nos dias de hoje.

Aos meus amigos que estiveram ao meu lado, em especial a Paloma por estar ao meu lado durante minha gestação. A todos envolvidos o meu mais profundo agradecimento.

## **Memória**

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

O trabalho do espanhol Luis Méndez Torres, intitulado “*Tratado breve de la cultivación y cura de las colmenas*”, publicado em 1586, é considerado um marco nos estudos sobre a apicultura moderna por ser o primeiro a afirmar que a maior abelha da colmeia é a rainha, fêmea responsável pela postura dos ovos, mãe das abelhas. Na biologia, as abelhas rainhas são responsáveis pela manutenção da estrutura social da colônia e por consequência, seu funcionamento. O presente trabalho trata do papel da mulher em organizações produtivas rurais, mais especificamente a contribuição feminina na construção comunitária de grupos organizados da apicultura. Serve de objeto de análise a Associação de Apicultores de Guaraciama – APIGUAR. O estudo, de caráter empírico-exploratório, foi conduzido a partir da combinação de instrumentos metodológicos como questionário, grupos de discussão e entrevistas, todos aplicados em formato remoto devido as medidas de distanciamento adotadas no combate da pandemia de COVID-19. Os resultados revelam que homens e mulheres têm motivações distintas para participar do grupo. Enquanto homens entendem o grupo como instrumento de inserção econômica e produtiva, as mulheres tendem a priorizar os laços de amizade e fraternidade construídos ao longo do tempo. As evidências também sugerem que o aumento da participação feminina possa contribuir para mobilização de tipos de capital social fundamentais na operacionalização e efetividade de políticas de desenvolvimento voltadas à minimização da pobreza e desenvolvimento local.

**Palavras-chave:** Gênero;. Capital Social;. Comunidades Rurais;. Organizações Produtivas;. Ação Coletiva.



## ABSTRACT

The Spaniard Luis Méndez Torres' work entitled "Tratado breve de la cultivación y cura de las colmenas", first published in 1586, is regarded as a milestone for modern beekeeping studies for stating that the largest bee in a hive is the queen bee, the one responsible for egg laying, the mother of the bees. Biologically, the queen bee is responsible for the maintenance of the hive's social structure, thus, it's operation. The present work deals with the role of women in organizations, more specifically in the community construction of organized beekeeping groups in northern Minas Gerais. The object used in this research is the Guaraciama Beekeepers Association – APIGUAR. The methodology used in this research is based on the conjunction of empiric and exploratory tools such questionnaires, interviews and group discussion, all of which, due to the conditions caused by the COVID-19 pandemic, were carried out through social interaction applications respecting social distancing. The results reveal that men and women have different perceptions and objectives regarding their participation in the group. While men understand the group as an instrument of economic and productive insertion, women tend to prioritize the bonds of friendship and fraternity built over time. The studies will also suggest that the growth of female participation in such activities may contribute to the concentration of different kinds of share capital which are essential in the operationalization of poverty reduction and local development policies.

**Keywords:** Gender; Social Capital; Rural Communities; Productive Organizations; Collective action

## **Lista de Figuras**

Figura 1. Relações bilaterais de créditos e obrigações .....	22
--	----

## **Lista de Quadros**

Quadro 1 - Tipos de Capital por Bourdieu .....	21
Quadro 2 - Dimensões do Capital Social por Genari .....	25

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APIBOC – Associação de Apicultores de Bocaiuva

APIGUAR - Associação de Apicultores de Guaraciama

CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba

COOPEMAPI - Cooperativa dos Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas

EMATER/MG - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – CAPITAL SOCIAL E GÊNERO.....</b>	<b><u>1314</u></b>
INTRODUÇÃO.....	<u>1314</u>
GÊNERO E DIVISÃO DO TRABALHO NO MEIO RURAL.....	<u>1516</u>
CAPITAL SOCIAL .....	<u>1819</u>
A CONTRIBUIÇÃO FEMININA NA CRIAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL.....	<u>2728</u>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
<b>CAPÍTULO 2 – CASO DAS APICULTORAS DE GUARACIAMA- MG. 31</b>	
INTRODUÇÃO.....	31
METODOLOGIA.....	31
<i>Caracterização da pesquisa .....</i>	<i>33</i>
<i>Delimitação e coleta de dados.....</i>	<i>34</i>
<i>Relato da trajetória de investigação.....</i>	<i>37</i>
ASSOCIAÇÃO DE APICULTORES DE GUARACIAMA – APIGUAR.....	39
<i>Contexto da apicultura no Norte de Minas .....</i>	<i>4342</i>
<i>Associação dos Apicultores de Guaraciama – APIGUAR .....</i>	<i>44</i>
<i>Papel das mulheres na construção de capital social da APIGUAR.....</i>	<i>4850</i>
CONCLUSÃO .....	<u>5254</u>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b><u>5557</u></b>
<b>ANEXO I — PROPOSTA DE ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM</b>	
<b>MULHERES ASSOCIADAS .....</b>	<b><u>6264</u></b>
<b>ANEXO III – ROTEIRO DE ENTREVISTAS INDIVIDUAIS.....</b>	<b><u>6567</u></b>
<b>ANEXO IV – ROTEIRO DE ENTREVISTA GRUPO FOCAL.....</b>	<b><u>6668</u></b>

## Capítulo 1 – Capital Social e Gênero

### Introdução

O conceito de capital social, entendido aqui como conexões entre indivíduos, bem como as instituições de reciprocidade e confiança construídos entre eles, tem sido amplamente debatido como mecanismo catalizador de desenvolvimento social, econômico e político (COLEMAN, 1988; COX, 1995; PUTNAM, 2000, SACCHET, 2009).

Parte dessa agenda vem sendo alimentada pelo crescente interesse por uma corrente de cientistas, formuladores de políticas públicas e teóricos que discutem o desenvolvimento a respeito das instituições informais, entendidas como:

Valores, normas, crenças e significados, símbolos, costumes e padrões socialmente aprendidos e compartilhados, que delineiam o elenco de comportamento esperado e aceito em um contexto particular (NELSON, 1995, p. 80).

Conforme observa Muls (2008), relações comunitárias, familiares, de amizade e profissionais podem constituir formas latentes de capital social. Essas estruturas latentes, marcadas por relações informais e laços de confiança, precedem relações de troca social e econômica mais complexas que compõe variáveis explicativas do desenvolvimento territorial. Segundo Muls (2008), essas estruturas, na forma de redes interagentes, representam formas de ajustamento entre as restrições extraterritoriais – que ocorrem em um nível macro analítico - e a reações territoriais – que ocorrem em níveis meso e micro analítico - e definem a condição de desenvolvimento territorial.

No caso da agricultura familiar<sup>1</sup>, o capital social se insere como recurso precursor da ação coletiva, fomentando a cooperação e associação entre indivíduos, viabilizando a ajuda mútua, troca de experiências e construção de conhecimento, possibilitando atingir objetivos que individualmente não seriam alcançados (COLEMAN, 1988; SILVA *et al.*, 2014). Vale notar que a organização associativa entre agricultores representa, em última análise, um aspecto vital para sua inserção econômica, pois permitem aumentar escala de comercialização e seu poder de barganha, atingido mercados individualmente inacessíveis (BATALHA *et al.*, 2005).

---

<sup>1</sup> A agricultura familiar é entendida aqui como unidade que se reproduz em regime de economia familiar e que desenvolve qualquer processo biológico sobre um pedaço de terra, situada em um território com determinadas características socioeconômicas, culturais e ambientais (CAZELLA *et al.*, 2009, p. 48).

Para além da questão econômica, a organização de indivíduos em grupos estaria relacionada a maiores índices de participação e confiança cívica e, por consequência, fortalecimento de instituições democráticas. Conforme observa o Putnam (1993: 37), “*o capital social parece ser uma condição necessária tanto ao desenvolvimento econômico quanto à eficácia dos governos*”.

Dessa forma, a operacionalização de políticas públicas estaria intimamente relacionada a existência de redes de colaboração entre indivíduos de uma dada comunidade, mas também entre esse grupo civil com outras estruturas institucionais como o Estado e o mercado (MULS, 2007).

Partindo desse entendimento, a década de 1990 foi marcada por um aumento expressivo no interesse acadêmico e político na discussão sobre as formas de capital social. Em grande parte, esse movimento sofreu forte incentivo de agências multilaterais de desenvolvimento e governos que passaram a ver nessas iniciativas a possibilidade de tornar comunidades locais mais inclusivas e resilientes em face das dificuldades socioeconômicas (HEALY *et al.*, 2007).

Pouco antes, em meados de 1980, fruto de certo interesse dos órgãos de Estado, mas, principalmente, pela ação de ONGs, movimentos ativistas e agências de internacionais, verifica-se uma crescente produção de trabalhos de base empírica relacionando mulher e desenvolvimento (MARTINEZ, 2010). Tendência que permaneceu até a segunda metade de década seguinte, com extravasamento também para os estudos envolvendo mulheres rurais.

Cabe diferenciar aqui os estudos envolvendo “mulheres no desenvolvimento” da vertente sociológica de “gênero e desenvolvimento”. Enquanto a primeira se preocupa com a inclusão nos processo de desenvolvimento social e econômico, a segunda, caracterizada pela análise mais profunda, aborda as relações sociais diferenciais e não equitativas nas quais homens e mulheres participam do processo de desenvolvimento (MARTINEZ, 2010).

Chama a atenção que as dimensões de gênero não tiveram a mesma atenção nesse no debate sobre desenvolvimento. Mais do que isso, conforme observa Lowndes (2000), a relação entre capital social e as inequidades e diferenças na participação de homens e mulheres ainda representa um campo em aberto na literatura. O que parece ser um contrastante dada a relativa extensão no número de trabalhos encontrados sobre a participação de gênero em comunidades locais (HEALY *et al.*, 2007).

O papel da mulher na produção e reprodução social, em especial junto a suas famílias e comunidades, representam um elemento importante ao desenvolvimento local. Conforme argumenta Molyneux<sup>2</sup> (2002 *apud* HEALY *et al.*, 2007), as mulheres são importantes mobilizadoras de tipos de capital social fundamentais na operacionalização e efetividade de programas fomentados por governos e agências multilaterais voltados para minimização da pobreza e desenvolvimento local.

Frente a problemática apresentada anteriormente, o objetivo do trabalho é identificar o papel da mulher na estrutura social, mais especificamente na construção do capital social em organizações produtivas da agricultura familiar. Espera-se com esse estudo, entender um pouco mais da dinâmica que acontece no campo nas relações de afinidade e confiança construídas ao longo dos anos.

### **Gênero e divisão do trabalho no meio rural**

Em parte, a falta de atenção sobre o papel da mulher, mais especificamente a participação de gênero, na criação de capital social poderia ser explicada pela marginalização histórica de sua participação em diferentes esferas de tomada de decisão política e econômica.

Sobre isso, Martinez (2010), recorda que a teoria social clássica recebe forte influência “biologicista” abordando de forma superficial as relações e papéis entre os sexos. Mais do que isso, ao assumir uma separação entre a unidade familiar e a sociedade, entre o privado e o público, a sociologia clássica tende a carregar essa forma de pensar reduzindo o papel da mulher à esfera privada. Como advoga Holzmann (2006) coube a figura feminina a produção de valores de uso direcionados para a família e as atividades de reprodução, do cuidado com crianças, velhos e incapazes. Em contraposição, a produção social, política e econômica seria atribuída aos homens, tradicionalmente imperantes deste espaço (HOLZMANN, 2006).

Conforme argumenta Holzmann (2006), a formação da sociedade industrial moderna manteve estruturas tradicionais de divisão do trabalho por gênero, alimentando a ideia de que as tarefas relativas às mulheres eram as reprodutivas ou restritas ao ambiente doméstico.

---

<sup>2</sup> MOLYNEUX, M. “Gender and the silences of social capital: lessons from Latin América”. *Development and Change*, v.33, nº 2, 2002.

No meio rural, essas estruturas parecem ainda mais restritivas. No campo, coube a mulher a função de reprodução no espaço privado, doméstico, os cuidados com a casa, os filhos, o preparo, a produção de comida e criação de pequenos animais. Esse trabalho reprodutivo, por não ser expresso em valores monetários, foi considerado improdutivo e a atividade feminina se tornaram invisíveis, esquecidas e desvalorizadas pela sociedade (PAULILO, 1982; HEREDIA; CINTRÃO, 2006; AGUIAR, 2016).

Para além das atividades domésticas, as mulheres rurais também estão envolvidas nas atividades produtivas, presentes em movimentos sociais e trabalhos comunitários, uma múltipla jornada assumida por essas mulheres que mesmo com a notória importância ainda é bastante invisibilizada (GUIMARÃES, QUIRINO, 2017).

Vale notar que o interesse acadêmico pela questão de gênero é relativamente recente no Brasil, tem início em meados dos anos 1980 (SILVA, 2010) e parece ter se intensificado nas últimas duas décadas. A questão tem pautado trabalhos na área de políticas públicas (SACCHET, 2009; FARAH, 2004), inserção empresarial e mercado de trabalho (MACHADO *et al.* 2003; BENTO, 1995; MADALAZZO, 2010), aspectos comunitários e de construção social (FONSECA *et al.*, 2016; VAN DER SCHAAF, 2003).

Parte desse efervescente debate transborda os círculos acadêmicos e se faz presente, em menor e maior intensidade, nas esferas comunitárias, nos espaços sociais, na política e nos meios empresariais. A discussão atrelada a função estabelecida à mulher em um contexto de construção social histórico, se mistura com aspectos culturais, tradicionais, simbólicos e reativos que permeiam a diferença entre mulheres e homens.

O trabalho de Pierre Bourdieu (2005) representa um marco importante no distanciamento das ciências sociais das abordagens sustentadas na biologia e na psicanálise, mudando o foco da análise para as instituições e construções sociais que reforçam a dominação masculina sobre as mulheres, a qual chamou violência simbólica, objetivada nos mitos, rituais, murais, discursos, práticas e subjetivada no *habitus*.

A década de 1990 é marcada pelo início de uma agenda política importante para o movimento feminista que passa pela adoção de ações afirmativas e cotas mínimas de ocupação em sindicatos e no poder legislativo (AGUIAR, 2016); Em grande parte, essa movimentação é catalisada por diversos encontros internacionais promovidos pela Organização da Nações Unidas (ONU) desde 1991, sendo um dos marcos mais importantes a 4ª Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, realizada em Beijing,



em 1995, que foi o ponto crítico no entendimento mundial a respeito dos direitos humanos da mulher. Contou com cerca de 180 delegações governamentais e 2.500 organizações não-governamentais reuniram-se para discutir uma ampla série de questões relacionadas com a mulher (INTERNATIONAL WOMEN'S HEALTH COALITION, 2021).

Ainda que o Brasil tenha ocupado uma posição de destaque o movimento ativista feminino na década de 1970, considerado um dos mais bem articulados e influentes da América Latina, a participação feminina em esferas de poder político e econômico de tomada de decisão permaneceu – e ainda permanece – baixa, mesmo com a adoção de legislações de cotas desde 1997 (SACCHET, 2009). Conforme observa a autora, os movimentos feministas procuraram seguir um fluxo mais ascendente, partindo do engajamento comunitário, fomentando a participação desses espaços, como forma de inserção democrática e inclusão.

Historicamente, houve uma tendência entre autores feministas e ativistas dos movimentos de mulheres, no mundo como um todo, e na América Latina em particular, a priorizarem ações dos cidadãos nos espaços da sociedade civil, destacando a relevância da organização cívica autônoma para a luta política e o papel desempenhado pelas mulheres nesses espaços. Considerando-se os limites inerentes à democracia formal, por seu caráter elitista e circunscrito a uma gama limitada de tópicos, a participação cívica foi apresentada como uma forma de aprofundar a democracia, expandir a agenda política e construir a consciência de direitos entre os cidadãos (SACCHET, 2009).

Nesse sentido, uma quantidade relativamente grande de trabalhos retrata a participação de gênero em comunidades locais, notadamente em áreas como a saúde, voluntariado e serviço comunitário (BARBOSA *et al.*, 2012; CHEMAITELLY *et al.*, 2013; LISBOA, 2010; CRUZ; BORGES, 2020).

Também no meio rural, essa discussão ganhou corpo junto aos movimentos camponeses e da agricultura familiar, com forte participação da igreja católica e, posteriormente, dos sindicatos rurais (AGUIAR, 2016).

Segundo o Movimento das Mulheres Camponesas (2018), essa partilha proporciona uma construção de coletivos muito mais fundamentados na identificação do dia a dia vivenciado no campo. Aspectos ligados a reprodução familiar e social ganham relevo nessa discussão, assim como a participação feminina em organizações comunitárias.

Ainda que a discussão envolvendo a participação feminina em comunidades locais não seja um tema novo, da mesma forma que a discussão de capital social em comunidades rurais não é, a relação entre participação de gênero e capital social é pouco explorada na literatura (LOWNDES, 2000). Parte do debate tem seguido pelo interesse no efeito do capital social sobre a participação feminina. Adkins (1999), por exemplo, argumenta que a participação feminina estaria restrita a níveis mais baixos de capital social, que envolvem as relações informais entre familiares e vizinhança. Em níveis mais altos de capital social, compreendido por relações formais econômicas e políticas, também relacionadas a relações de poder, a participação feminina seria menos expressiva.

[...] embora as mulheres possam ser fundamentais na constituição da comunidade (por exemplo, recursos para construir identidades compartilhadas), elas podem não ser capazes de reivindicar adesão ou pertencimento em termos dessa comunidade da mesma forma que os homens (ADKINS, 1999, p. 127).

As opiniões nessa linha de análise divergem sobre o fato de o capital social contribuir para a equidade de gênero ou promove a exploração do trabalho feminino (HEALY *et al.*, 2007). Autores como Edwards (2004) e Adkins (1999) argumentam que o discurso dominante encontrado na literatura de capital social tende a reforçar o papel tradicional de gênero, podendo ser usado para justificar o não reconhecimento e não remuneração do trabalho feminino em diferentes esferas. Outros autores, como Lowndes (2000), chamam a atenção para o fato de que os estudos clássicos de capital social não tiveram o devido cuidado em observar a contribuição feminina na formação de capital social. Os trabalhos sobre capital social tendem a negligenciar as atividades informais difusas de construção de redes em que as mulheres costumam ser mais engajadas do que homens (COX, 1995; LOWNDES, 2000; HEALY *et al.*, 2007). É sobre esta segunda perspectiva que repousa o presente trabalho.

Antes de discutir as possíveis relações entre a participação de gênero e o capital social, faz-se necessário uma breve revisão da literatura sobre capital social, o ‘estado da arte’, as diferentes abordagens, o recente interesse fomentado por agências multilaterais como Banco Mundial, Nações Unidas e governos com seus desdobramentos em termos de políticas desenvolvimentistas.

## **Capital Social**

A noção de capital social vem sendo adotada por diversas áreas do conhecimento, a exemplo das ciências políticas, sociologia e economia, sem necessariamente convergir para uma mesma definição. Do ponto de vista prático, muito pelo incentivo de organizações multilaterais voltadas ao desenvolvimento, o termo ganhou relevo junto aos formuladores de políticas públicas e privadas (MULS, 2008; PUTNAM, 2000).

Conforme observa Fernandes (2001, p.1), o conceito de capital social, ao mesmo tempo em que se tornou “*uma das mais difundidas linhas de análise no contexto atual das ciências sociais*”, seu entendimento tende a permanecer amplo e difuso, podendo ser aplicado tanto as organizações e redes densas (tais como ONGs, associações profissionais, de classe, religiosas, de bairros, filantrópicas, cooperativas de produção) até as conexões sociais mais informais como relações de amizade e vizinhança. Essas características dificultam a adoção de uma definição mais precisa (MULS, 2008; FERNANDES, 2001).

Na busca pelo entendimento do conceito e aplicabilidade ao termo capital social foi possível perceber diversos autores se localizando em torno da explicação construída pelos autores Bourdieu, Coleman e Putnam. Visivelmente esses autores, colocaram luz no mesmo fenômeno, contudo apresentaram perspectivas distintas, sendo assim recorreram formas diferenciadas para descreve-lo embora se aproximem (PLASCENCIA, 2005).

No trabalho em tela, adota-se o entendimento de capital social como combinação de conexões entre indivíduos que incluem redes, normas e relações de confiança construídos entre eles, responsáveis em facilitar a coordenação e cooperação para benefício mútuo (COLEMAN, 1988; PUTNAM, 2000).

A ideia teria origem nos trabalhos de Alexis de Tocqueville sobre civismo comunitário (MULS, 2008). Ao comparar a França com os Estados Unidos da América, Tocqueville procura explicar que um dos principais aspectos associados ao ‘bom funcionamento da democracia’ nos EUA era o civismo associacionista dos americanos (FERNANDES, 2016).

Putnam (2000) observa que o conceito de capital social foi “inventado” pelo menos seis vezes no século XX, com destaque para Lyda Judson Hanifan (1916), John Seeley (1956), Jane Jacobs (1961), Glenn Loury (1977) e Pierre Bourdieu (1980). Embora todos esses autores tenham contribuído de alguma forma para consolidação e

entendimento do termo, o trabalho de Bourdieu ganha relevo por se considerado a primeira análise contemporânea de capital social (PORTES, 1997).

Bourdieu foi um dos primeiros a tratar capital social como recurso relacionado às relações coletivas. Sua definição possui quatro pontos que lhe sustentam, sendo eles: o pertencimento a um grupo, relações intercambiais materiais e simbólicas, recursos pertencentes ao grupo e um certo grau de institucionalização (PLASCENCIA, 2005).

Os recursos estão ligados a uma rede duradora, algo que foi construído ao longo do tempo e por vários aspectos da interação social. Para Bourdieu, a posse de capital social precede e sustenta-se no acesso a outros recursos (econômicos, culturais e políticos) (VILPOUX e OLIVEIRA, 2010).

O capital social é tratado por Bourdieu como um recurso diretamente relacionado à rede de relações sociais que tal indivíduo consegue mobilizar em favor de alguma ação ou de um objetivo que pretende alcançar. Assim, é possível entender que um indivíduo com capital consegue mobilizar uma ampla rede de relações sociais em auxílio de suas intenções, pois o volume de capital social de um indivíduo depende do tamanho da rede de relações que ele consegue articular (MENDES FILHO, 2004).

Vale notar que Bourdieu (1986) associa relações de poder à três formas fundamentais de capital, sendo elas capital econômico, capital cultural e capital social, conforme sintetizado no quadro 1. Assim como para outras formas de capital, Bourdieu assume que o capital social representa um recurso individual, ou seja, passível de ser utilizado/ apropriado por aquele que o detém (MENDES FILHO, 2004).

Como será visto posteriormente, tal constatação se torna importante na discussão de gênero, uma vez que mulheres teriam menor propensão para utilizar-se de formas mais complexas de capital social em benefício próprio (HEALY et al., 2007).

**Quadro 1 - Tipos de Capital por Bourdieu**

FORMAS FUNDAMENTAIS	CONCEITO
capital econômico	imediate e diretamente convertível em dinheiro e pode ser institucionalizado na forma de direitos de propriedade;
capital cultural	que pode ser convertido, em certas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado na forma de habilitações literárias;
capital social	constituído de obrigações sociais, que é conversível, em certas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado.

FONTE: Adaptado BOURDIEU,1986.

Nesse sentido, Coleman (1988) alinha-se a perspectiva de Bourdieu ao considerar outras formas de capital produtivo, ou seja, um ativo de reprodução econômica, onde o capital social está intimamente relacionado a estrutura social de circunscreve as ações econômicas.

[...] como outras formas de capital, capital social é produtivo, tornando possível a realização de certos fins que na sua ausência não seriam possíveis. Como capital físico e capital humano, capital social não é completamente fungível mas pode ser específico de certas atividades. Uma dada forma de capital social que é valiosa por facilitar certas ações pode ser até ou igualmente prejudicial para outras. Diferente de outras formas de capital, capital social é próprio da estrutura de relações entre atores e no meio de atores (COLEMAN, 1988, p. 302).

Como recurso, o capital social serviria como elemento “azeitador” das relações de troca social e econômica, favorecendo a ação coletiva. Ao comparar comunidades com a mesma quantidade de capital humano e material, Coleman (1988) advoga que é a existência de laços de confiança e reciprocidade estabelecidos entre indivíduos que tornam possíveis a mobilização e a ação coletiva.

Um aspecto importante na análise introduzida por Coleman (1988) que merece ser destacado é caráter multidimensional (micro, meso e macro) (MULS, 2008), ao conciliar aspectos relacionados à estrutura social, notadamente conjunto de normas, regras e instituições que condicionam o comportamento social e aspectos relacionados aos indivíduos, movidos pelo interesse próprio.

Em síntese, Coleman utiliza-se do termo capital social para descrever como aspectos estruturais que facilitam certas ações dos indivíduos e que, diferentemente de outros tipos de capital, estes aspectos são inerentes à estrutura da rede de relações entre

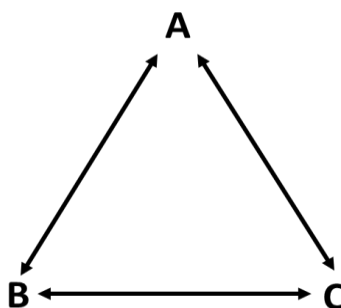
os indivíduos, e não aos próprios indivíduos (MENDES FILHO, 2004). Ou seja, as relações de poder e de confiança podem favorecer a ação individual, viabilizando acesso a um potencial recursos que esse não tem posse.

Ainda que esse fenômeno não seja estritamente positivo em termos de benefício coletivo, alguns autores argumentam que o fato do capital social ser um recurso construído coletivamente cria incentivos para que os indivíduos façam parte da rede de relacionemos, da mesma forma em que a entrada de novos integrantes pode viabilizar externalidades positivas para de rede (COX, 1995; PUTNAM, 1993).

A abordagem proposta por Coleman (1988) considera o capital social como fruto de uma matriz de créditos e obrigações. Para Coleman o estoque de capital social de um indivíduo (ou que um indivíduo pode acessar) está diretamente relacionado ao volume de obrigações que ele detém e que espera que assim seja cumprida por outros indivíduos, com os quais mantém uma relação de confiança. Em uma relação entre um indivíduo A e outro indivíduo B, A pode controlar alguns eventos que são interesse de B (B depende de A para alguma coisa) e B pode controlar alguns eventos que são de interesse de A (A depende de B para alguma coisa). Essa dependência entre indivíduos pode ser vista como promissória (MULS, 2008).

A figura 1 ilustra a problemática tratada por Coleman (1988), onde os vértices representam os indivíduos e as setas a interdependência entre eles. No exemplo ilustrado, cada indivíduo controla a mesma proporção de eventos e por isso as relações são ditas simétricas. Todavia, se suprimir a base da pirâmide, ou seja, retirar a seta que liga B e C, então teremos uma relação assimétrica nos créditos e obrigações. Nesse caso, diz-se que A teria mais capital social disponível que B e C.

**Figura 1. Relações bilaterais de créditos e obrigações**



Fonte: Adaptado de Coleman (1990).

Coleman e Bourdieu convergem na imaterialidade do capital social, ao buscar uma explicação para a relação entre o capital econômico e o capital humano. São as

relações do indivíduo com o coletivo que determinam o capital social, como em uma escala de convivência onde o indivíduo primeiro se percebe, depois percebe os outros ao seu redor e as interações ocasionadas pela vivência do dia a dia, percebe como essas relações dão início a formação de grupos e como os grupos se comunicam entre si em diversos aspectos, sejam eles econômicos, culturais ou sociais (PORTES, 2000).

Assim como Coleman, dentre os autores que mais avançaram na discussão empírica sobre capital social foi Robert Putnam, em seu trabalho sobre o processo de descentralização política na Itália (PUTNAM, 1993; 2000; 2002). Os trabalhos de Putnam sobre desenvolvimento seriam os grandes responsáveis pela introdução da temática nas ciências políticas contemporâneas. Vale ressaltar que diferentemente de Coleman, que procurou explicar como os indivíduos se apropriam do capital social por meio do acúmulo de créditos e obrigações, Putnam, em sua abordagem associativista, está muito mais preocupado em discutir o capital social do ponto de vista coletivo.

Para Putnam (1993), o capital social está intimamente relacionado às redes, normas e confiança que facilitam a coordenação e cooperação entre indivíduos. Para o autor essas redes estão imersas em engajamento cívico que servem de base para ação coletiva. É esse engajamento cívico, entendido como estoque de capital social que proporcionaria as condições necessárias tanto para o desenvolvimento econômico, quanto para eficácia do governo (PLASCENCIA,2005).

Vilpoux e Oliveira (2010) trazem a descrição de Putnam que coloca o capital social como uma rede de relações sociais onde podemos observar normas, confiabilidade que favoreçam o coletivo. Para Muls (2008), a construção dos laços sociais iniciando pela família expandindo para os vizinhos que posteriormente se tornam amigos e relações profissionais para a comunidade, são mecanismos potencializador da constituição do capital social.

Segundo Putnam o capital social está intimamente relacionado com o que alguns chamam de "virtude cívica". Embora a construção do capital social passa pela colaboração mútua dos indivíduos, que chama a atenção para o fato de que a virtude cívica é mais poderosa quando incorporada em uma densa rede de relações sociais recíprocas. Uma sociedade de muitos indivíduos virtuosos, mas isolados, não é necessariamente rica em capital social (PUTNAM, 2000).

Alguns aspectos tangíveis como por exemplo boa vontade, companheirismo, simpatia e relações sociais entre os indivíduos e famílias que compõem uma unidade social, estão presentes na maioria do cotidiano das pessoas. Sendo assim, a comunidade

como um todo, se beneficia com a cooperação de todas as suas partes. Uma sociedade caracterizada pela reciprocidade generalizada é mais eficiente do que uma sociedade desconfiada, esse engajamento cívico e o capital social implicam obrigação mútua e responsabilidade pela ação (PUTNAM, 2000).

Putnam descreve o capital social como possuindo uma parcela constituída pelo indivíduo onde seus efeitos são vislumbrados somente por ele mesmo e outra pública, onde seus efeitos poderão ser sentidos por outros indivíduos e sua comunidade. As redes promovem os canais de interação no qual os integrantes encontrem benefícios em compor aquele grupo, mediante as normas de reciprocidade com o bem estar do outro. As organizações voluntárias são elementos essenciais a construção do capital social funcionando como a materialização das relações construídas pela rede (ALBUQUERQUE, 2013).

As conexões que os indivíduos podem fazer, formando as redes sociais, estão associadas com relacionamentos pessoais ou profissionais. A participação nessas redes envolve a possibilidade de acessar certos tipos de benefícios que sem as relações estabelecidas pelo grupo não seria possível. Por tanto o capital social é ao mesmo tempo recurso e resultado para um processo desejável de desenvolvimento, fazendo uma enorme diferença nas vidas dos envolvidos na construção e manutenção de uma rede (PUTNAM, 2000; CAIAZZA e PUTNAM, 2005).

Abramovay (2000) considera importante entender como a construção das redes e das instituições como percursos da ação coletiva. É esse tecido social o responsável pela produção e reprodução social que alimenta aspectos de identidade e cultura local, das relações de poder e confiança que ao final consolidam o território e são fomentadores do desenvolvimento local. Enxergar o território com todos seus componentes e atores como parte do desenvolvimento pode revelar muito mais do que é considerado nos dias atuais quando o assunto é o campo.

Genari (2010) apresenta em seu trabalho pontos relacionados com aspectos apontados por Nahapiet e Ghoshal (1997), onde destacam que o capital social possui diversos atributos que podem ser subdividas em três dimensões que pode auxiliar na identificação e mensuração do capital social sendo elas:



**Quadro 2 - Dimensões do Capital Social por Genari**

DIMENSÕES	CONCEITO
Estrutural	se refere ao padrão de conexão entre os atores e inclui conexões e configurações da rede que descreve o padrão de ligações em termos de mensuração como densidade, conectividade, hierarquia e adequação organizacional;
Relacional	se refere aos ativos que são criados e alavancados por meio do relacionamento e incluem atributos como identificação, confiança, normas, sanções, obrigações e expectativas;
Cognitiva	se refere aos recursos que representam visões compartilhadas, interpretações e sistemas de significados, como a linguagem, códigos e narrativas.

Fonte: adaptado GENARI, 2010

Diante dessas perspectivas, com base nos trabalhos de Putman (2000) e Woolcock (2001), Sacchet (2009) descreve três tipos, ou três níveis, de capital social: a saber: *bonding* (união), *bridging* (ponte) e *linking* (ligação). O tipo *bonding* é caracterizado por laços fortes entre indivíduos com características mais ou menos homogêneas. Esses indivíduos normalmente partilham de experiências comuns como exemplo de grupos familiares, vizinhos, comunidades entre outros. As instituições nesse tipo de capital social são marcadas por informalidade e voluntariado, típico nas relações consanguíneas, de vizinhança e grupos comunitários (SACCHET, 2009).

Conforme observam Sehnem e Macke (2015), o capital social do tipo *bonding*, embora favoreça o desenvolvimento de capital social relacional e cognitivo, tende a criar grupos mais “fechados”, dificultando a participação externa e proporcionando isolamento. Nos estudos sobre redes, esse fenômeno é conhecido como “*lock in*”, quando o adensamento dos laços tende a provocar enclausuramento de conhecimentos e tecnologia, dificultando a capacidade adaptativa dos grupos (GRABHER, 1993).

O capital social do tipo *bridging* envolve laços menos densos, mais abrangentes estabelecidos entre grupos mais heterogêneos e plurais. Ao contrário do tipo anterior, as experiências são distintas, a exemplo de membros de partidos, clubes esportivos e grupos de profissionais (SACCHET, 2009).

Esse tipo de capital social (*bridging*) funciona como “ponte” entre grupos distintos, como, por exemplo, amigos dos amigos, os sócios, os conhecidos. Tais ligações refletem em efeitos positivos sobre a difusão das informações e construção de confiança, facilitando as trocas sociais e econômicas (SEHNEM e MACKE, 2015).

Por fim, o capital social do tipo *linking* é mais comum em redes que envolvem relações de poder político e econômico. Esse tipo de capital social faz a ligação entre pessoas ou grupos e pessoas e grupos em situação de poder político e financeiro. A formalidade é uma característica marcante desse tipo de instituição (WOOLCOCK, 2001; SACCHET, 2009; SEHNEM e MACKE, 2015). O Quadro 3 sintetiza essa tipologia.

**Quadro 3 – Tipos de capital social por Sacchet**

TIPOS	CONCEITO
Bonding	Ligações fortes entre grupos mais ou menos homogêneos, baseado em experiências comuns como por exemplo entre membros de uma família, vizinhos, comunidades, grupos de mulheres dentre outros no mesmo seguimento.
Bridging	Associada as relações mais abrangentes, mas não tão profundas e pode ser encontrado em grupos heterogêneos e plurais como em clubes esportivos e membros de partido
Linking	Associados ao capital social do tipo que podemos encontrar nos grupos entre pessoas influenciadoras e detentoras do poder

Fonte: adaptado SACCHET, 2009.

Grosso modo, o argumento central do trabalho de Putman (1993) consiste em comparar as regiões norte e sul da Itália e concluir o desempenho das instituições democráticas estaria diretamente associado a existência de tipos de associações e interligações cívicas distintas entre elas. Para Putman, o norte da Itália, caracterizada por organizações cívicas fortes e laços de confiança interpessoal profundos, aspectos típicos dos tipos *bridging* e *linking* de capital social, haveria também um melhor desempenho governamental.

Tal argumento vem sendo alvo de críticas. Para Lowndes (2000), por exemplo, os estudos empíricos e teóricos sobre capital social têm privilegiado uma lógica machista, de atividades predominantemente dominadas por homens. De certa forma, ocorre nessa literatura, uma marginalização do papel da mulher em círculos da capital social mais voltados a construção comunitária – tipo bonding, base fundamental para os outros tipos de capital social.

Ao concentrar-se na análise de redes formais como medida de capital social, negligenciam as atividades difusas de construção de redes informais nas quais as mulheres estão frequentemente mais envolvidas do que os homens (Healy *et al.*, 2007).

### **A contribuição feminina na criação de Capital social**

Se por um lado o conceito de capital social ganhou relevo na discussão acadêmica e políticas sobre desenvolvimento, a dimensão de gênero parece ter sido pouco explorada por essa literatura, ficando restrita a um número relativamente pequeno de trabalhos (LOWNDES, 2000; HEALY *et al.*, 2007). Tal constatação revela um espaço importante a ser preenchido, sobretudo se considerar a importância dada a participação de gênero em comunidades locais (HEALY *et al.*, 2007).

A literatura que trata do assunto tem adotado perspectivas diferentes, nem sempre complementares, a respeito da relação entre participação de gênero e capital social. De um lado, o uso do termo capital social poderia representar um dispositivo estratégico para chamar a atenção do papel feminino nas políticas de desenvolvimento (HEALY *et al.*, 2007). Tais argumentos são sustentados no papel social que a participação de gênero poderia oferecer, em especial em níveis comunitários relacionados a ação colaborativa e de voluntariado. O trabalho das mulheres na esfera social estaria diretamente associado a construção a capital social, sem o qual não ocorreria outras formas de capital necessárias ao desenvolvimento (COX, 1995).

Um assunto que se tem levantado é justamente a participação feminina na construção do capital social e seus desdobramentos. Para que se entenda melhor o lugar que as mulheres estão, quando se pensa em capital social, é importante entender os tipos que podem existir desse instrumento fundamental para mobilização e organização de grupos (SACCHET, 2009),

Um fator que pode interferir na participação das mulheres na formação de capital social seria dispor de sua força de trabalho em atividades que não envolvam coletividade necessária para manutenção das redes, melhorar o status das mulheres nesse sentido gera um benefício para toda sua comunidade (Caiazza e Putnam, 2005). Considerar a participação feminina é um elemento fundamental no desenvolvimento do capital social podendo significar a criação e manutenção de associações e cooperativas, bem como o objeto dessa pesquisa.

Ao identificar a importância do papel da mulher na construção do capital social, não se pode esquecer de refletir sobre as mulheres rurais. As mulheres rurais possuem

um papel importante no arranjo familiar, sua contribuição perpassa sobre a manutenção das tarefas domésticas para que ocorram sem que interfiram na produção familiar ao qual também é igualmente importante por compor mão de obra garantindo que a família consiga produzir seja por consumo próprio ou venda dessa produção (SILVA; SCHNEIDER,2010).

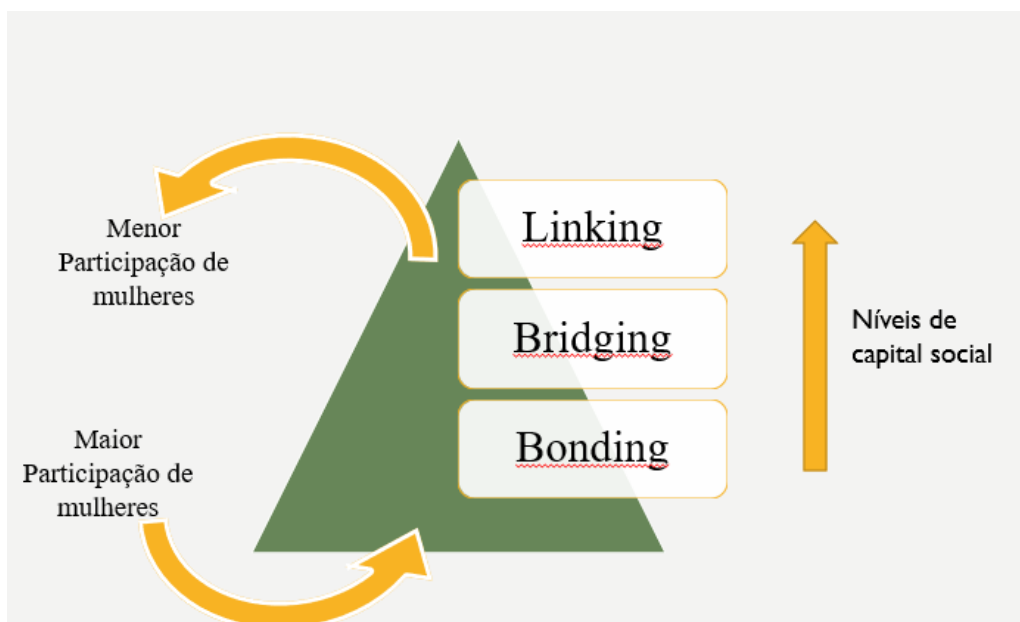
Conforme observam Paulilo (1987; 2005), Maia (2004), dentre outros, no meio rural brasileiro, a divisão do trabalho e atribuições por gênero é uma característica tradicional e ainda se faz muito presente. Rezam as instituições ainda existentes que homens são responsáveis pelas atividades ditas “pesadas” como a lida com o gado e a lavoura, enquanto as mulheres ocupam-se das atividades domésticas, dos cuidados com a família, fabricação de alguns produtos, criação de animais menores e cultivo nos quintais. Estudos feministas têm argumentado que a abordagem dominante de capital social apenas serve para reforçar a exploração do trabalho feminino e os papéis tradicionais de gênero (EDWARDS, 2004).

Um aspecto comum nessa vertente é de que as redes de capital social poderiam servir para firmar as desigualdades de gênero, enfatizar os papéis "tradicionais" das mulheres e justificando o trabalho não remunerado e não reconhecido dessas na esfera privada (HEALY *et al.*, 2007). Sobre uma perspectiva de capital social como recurso que pode ser apropriado por um indivíduo, Edwards (2004) observa que embora a mulher tenha maiores responsabilidades na esfera familiar e comunitária, elas não se beneficiam dessas relações, ao contrário dos homens, para facilitar o caminho para poder econômico e político.

Nesse sentido, Adkins (1999) sugere que as mulheres tem papel fundamental na constituição de comunidades, todavia, o que se observa, na prática, é que elas não são capazes de reivindicar adesão ou pertencimento a essas redes da mesma forma que os homens.

Tal problemática vai ao encontro do que é retratado por Sacchet (2009) sobre a baixa participação femininas em esferas de poder político, mesmo diante de incentivos institucionais como a lei de cotas femininas.

Conforme trabalho de Adkins (1999), o envolvimento feminino seria muito mais evidente em níveis de capital social mais básicos, comunitários, aqueles marcados por relações informais e laços de proximidade familiar e de vizinhança. Não por acaso, uma literatura relativamente vasta tem discutido o papel da mulher em círculos locais voltados a ação voluntária e aspectos comunitários (ONYX e LEONARD, 2000).



Fonte: Elaborado a partir de ADKINS (1999)

Ainda que as mulheres tenham um papel importante nesse nível de construção social (capital social do tipo *bonding*), haveria uma dificuldade de apropriação dos recursos de capital social por parte dessas e, por consequência, uma menor participação em níveis da capital social mais heterogêneos – tipo *bridging* e *linking*, mais associados a relações de poder político e econômico (ADKINS, 1999).

Sob essa perspectiva, haveria um mecanismo de autoexclusão na participação feminina, um ciclo vicioso onde a mulher desenvolveria um papel fundamental na construção da base comunitária e, a medida em que esse capital social, ou essa rede, se expandisse para níveis institucionais mais formais, essa participação tenderia a diminuir.

Um aparente paradoxo revela-se importante nessa observação e diz respeito não só a participação feminina em espaços de construção comunitária, econômica e política, mas a própria discussão sobre desenvolvimento local. Se outros tipos de capital (financeiro, físico e humano) não podem existir sem uma base social (COX, 1995), e se a mulher tem um papel fundamental na construção dessa base, como pode o processo de criação desse capital ser também excludente dessa participação? Em outras palavras, entender a relação entre participação de gênero e capital social mostra-se um elemento fundamental no desenho de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável local.

## **Considerações finais**

As conexões estabelecidas entre os indivíduos são o ponto de partida para que possamos identificar as fontes de capital social. Para Muls (2008), os laços familiares, comunitários e profissionais podem ser o combustível que mantém a construção de um capital social naquele ambiente.

Na dinâmica observada no campo através da agricultura familiar o capital social fomenta as ações coletivas como as associações e cooperativas, viabilizando assim uma ajuda mútua., bem como abordado por Coleman (1988) e Silva (2014). Conforme observa o Putnam (1993: 37), “o capital social parece ser uma condição necessária tanto ao desenvolvimento econômico quanto à eficácia dos governos”.

No decorrer do capítulo foi possível perceber como as relações de gênero foram abordadas. Onde inicialmente as condições relacionadas ao tema não obteve a mesma relevância quando as discursões perpassam os debates sobre desenvolvimento, representando um campo a ser discutido. Considerar a participação feminina é um elemento fundamental no desenvolvimento do capital social podendo significar a criação e manutenção de associações e cooperativas, bem como o objeto dessa pesquisa.

Ao abordar a participação das mulheres Adkins (1999), nos mostra que o envolvimento feminino seria muito mais evidente em níveis de capital social mais básicos, comunitários, aqueles marcados pelas relações informais e laços de proximidade familiar e de vizinhança. Contudo esse envolvimento se mostra muito relevante para que o grupo consiga alcançar os objetivos do coletivo, funcionando como uma base para que as demais formas de capital se desenvolvam.

## Capítulo 2 – Caso das apicultoras de Guaraciama- MG

### Introdução

A apicultura tem ganhado destaque como alternativa de geração de trabalho e renda na região norte de Minas Gerais que sofre com a seca dos últimos anos, sendo alavancada pela articulação de diversos atores públicos e privados, com destaque a produção do mel de aroeira com indicação geográfica e grande potencial de agregação de valor (DEMIER *et al.*, 2020a; DEMIER *et al.*, 2020b).

Nesse cenário, chama a atenção um grupo que diferentemente de outras organizações de apicultores, tem em sua composição uma maioria de mulheres apicultoras. Conforme observado por Demier *et al.* (2020a), a atividade apícola tem oferecido alternativa a pecuária regional, atividade que tradicionalmente é desenvolvida e ocupada por homens. A manutenção dessa estrutura social poderia explicar a maioria masculina presente nos grupos de apicultores, com exceção da associação de Guaraciama.

Diante desse contexto a investigação se volta às mulheres que participam em um fenômeno econômico e político recente no Norte de Minas Gerais, caracterizado pela estruturação produtiva da atividade apícola.

### Metodologia

A presente seção tem por finalidade descrever os caminhos trilhados pela pesquisa em tela, para que haja um entendimento dos resultados alcançados e, evidentemente, um reconhecimento das limitações que as decisões tomadas ao longo desse processo carregam. Nas palavras de Maria Cecilia de Souza Minayo:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem realizada. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade) (MINAYO, 2019, p.14).

Dessa forma, registra-se aqui os passos e a teoria que nos guiou até aqui, os instrumentos e experiências que permitiram a construção do estudo de caso.

Antecipadamente, faz se notar que a pesquisa empírica foi realizada em sua totalidade de forma remota devido as medidas de distanciamento adotadas no combate da pandemia de COVID-19. Ainda que a tecnologia de comunicação tenha viabilizado a coleta de informações, não se pode negar a falta que faz ao cientista social a imersão, a

vivência, o face a face e a interpretação da linguagem não verbal suprimidos nesses tempos de clausura.

Realizar uma pesquisa durante uma pandemia foi extremamente desafiador por exigir um comprometimento mental que muitas vezes não estávamos preparados. Embora ávida por destrinchar o que me motivou a desenvolver os estudos.

Nesse processo de adaptações e adequações para que as pesquisas pudessem ser realizadas, o método teve que ser testado, considerado e readequado durante o processo investigativo. Dessa maneira pude identificar a melhor maneira para conseguir utilizar da ferramenta que tinha em mãos, que era o acesso por meio de aplicativo de interação social “Whats App” e ligações telefônicas. Um fator limitante, além do distanciamento necessário, foi o acesso aos meios de comunicação que não foi possível para alguns por não possuir sinal telefônico ou possuir sinal de má qualidade inviabilizando a participação. Mesmo aqueles que puderam participar também relataram dificuldades no acesso por conta do sinal e por conta dos afazeres em seus lares.

Cabe ainda, como ponto de partida, retratar as inspirações que levaram a discutir o papel das mulheres em organizações produtivas. Na realidade, inicialmente, havia interesse em desenvolver a pesquisa com as temáticas envolvendo relação de gêneros e empoderamento feminino no espaço rural devido a experiências vivenciadas durante a graduação. Essas temáticas, embora relevantes e amplamente debatida na literatura científica, mostraram-se pouco aderente ao objeto disponível para pesquisa e os meios de investigação disponíveis.

Ao aproximar do grupo de mulheres da apicultura notou-se que a discussão sobre empoderamento seria difícil e a divisão gêneros não representava, naquele momento, uma preocupação prioritária para elas. Tendo em vista que o nível de engajamento e interesse das apicultoras envolvidas na pesquisa poderia impactar diretamente na realização da pesquisa, em especial tratando-se de interações a distância, a trajetória foi sendo ajustada.

O afinamento da temática aqui tratada seguiu um fluxo mais ontológico, fruto desses primeiros contatos e da caracterização do grupo. Notadamente, havia algo que chamava a atenção naquela Associação além da forte presença de mulheres. O grupo demonstrou propósitos relativamente bem definidos, cientes dos desafios, articulados com outros atores e forte participação de jovens. Inscritas a todas essas observações, as relações entre indivíduos desse grupo foram tratadas aqui como capital social.



A construção desse entendimento passa por uma imersão também na literatura, a revisão teórica e a contextualização da própria atividade produtiva e dos indivíduos que a desenvolve.

### **Caracterização da pesquisa**

Além da revisão de literatura apresentada na seção anterior, a presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa empírico-descritiva, uma vez que procurou ilustrar o fenômeno social envolvendo os efeitos da participação feminina no fortalecimento do capital social em organizações produtivas. Mais especificamente, volta-se para um grupo de mulheres que participa ativamente da Associação de Apicultores do Município de Guaraciama em Minas Gerais - APIGUAR.

Trata-se de um estudo de caso (GIL, 2009) e como tal, não tem o objetivo de buscar generalizações sobre a temática estudada, ainda que parte da literatura seja convergente aos resultados encontrados.

A escolha pelo método do estudo de caso teve a intensão de uma melhor compreensão do fenômeno social a ser considerado complexo e de difícil isolamento do contexto em que se desenvolve (YIN, 2005; MARTUCCI, 2001).

Os estudos de casos – quando bem conduzidos - têm tido uma contribuição significativa na construção de conhecimento, nas áreas de ciências sociais e ciências sociais aplicadas, ao iluminar aspectos do cotidiano empírico e dos fenômenos da vida real, trazendo elementos importantes para as discussões necessárias ao avanço de determinados campos de pesquisa (THOMAS, 2011; VENTURA, 2007; FEAGIN et al., 1991).

Exemplos de pesquisas dessa natureza envolvendo a temática aqui tratada podem ser vistos em Cunha (2017) e sua descrição minuciosa sobre o empreendedorismo feminino, ou Batista (2015) em seu trabalho com comunidades quilombolas. Nessa mesma linha, Queiroz (2018), demonstra em “Mulheres do campo, reconhecimento e trabalho na construção de outras economias em Porteirinha - MG.” a capacidade de imersão em uma pesquisa e buscou entender como a vivência das mulheres daquela localidade acontece descrevendo aspectos bem particulares do grupo.

A Associação de Apicultores do Município de Guaraciama – APIGUAR, objeto do estudo em questão, foi identificada dentro de um conjunto maior que reúne cerca de 23 associações e grupos organizados de apicultores no Norte de Minas Gerais e são alvo de uma agenda de pesquisa envolvendo a Estruturação do Arranjo Produtivo da Apicultura no Norte de Minas Gerais, coordenado pelo Instituto de Ciências Agrárias da

Universidade Federal de Minas Gerais. A principal característica que levou a seleção da APIGUAR como objeto de pesquisa foi a significativa participação feminina .

### **Delimitação e coleta de dados**

Ventura (2007) sugere a construção de estudo de caso em quatro fases, a saber: delimitação da unidade caso; coleta de dados; seleção, análise e interpretação dos dados e elaboração do relatório do caso.

Nesse sentido, tendo em vista o objetivo geral de investigação, a análise foi realizada em pelo menos três níveis organizacionais distintos, combinando técnicas e ferramentas de coleta de dados igualmente diferentes.

O primeiro nível compreende as individuais, a análise das percepções particulares, condições socioeconômicas pessoais e familiares, trajetória e expectativas que, em um primeiro momento, julgou-se importante de ser contemplada no escopo de estudo. A pergunta central desse nível de análise se resume a: Quem são essas mulheres apicultoras? Nesse aspecto as entrevistas ocorreram individualmente, buscando deixar as apicultoras mais a vontade para responder sobre suas vidas de maneira mais intimista.

O segundo nível da análise volta-se o olhar para o coletivo. Nesse caso o grupo e as relações entre indivíduos são objeto de investigação. Aqui um conjunto de visões e narrativas se combinam para construir uma fotografia da organização, entendida aqui como conjunto de pessoas que se reúnem para fazer algo. Esse prisma analítico-descritivo se combina como um mosaico de olhares e percepções para construir uma ideia de unidade. Essa unidade é construída pela visão de suas lideranças sobre o grupo e do grupo sobre o grupo. As perguntas nesse caso podem ser sintetizadas em: Como se dá a participação das mulheres na associação de apicultores? Haveriam reflexos da participação feminina na organização do grupo? Nesse nível as apicultoras e apicultores foram divididos em grupos para a construção de um saber comum compartilhado por eles a respeito das relações construídas naquele local.

Por fim, o terceiro nível de análise procurou contextualizar a parte dentro de um todo, ou seja, a Associação no contexto da apicultura. Em certa medida, entender como o grupo interage com o ambiente em que o cerca e como esse ambiente interfere na forma já qual ele se organiza. A pergunta norteadora é: Como surge a Associação? Em que contexto a APIGUAR se organiza? Nesse nível os grupos também foram instigados a identificar o histórico do que levou aquele grupo a se organizar.

Acredita-se que essa abordagem permitiu um olhar mais claro não só sobre o grupo, mas também seu contexto, viabilizando posicionar a parte (caso) dentro do todo, como advoga Ventura (2007).

Assim, um conjunto de técnicas compõe o arcabouço metodológico utilizado no presente estudo de caso. Mais especificamente, foi lançada mão de: análise documental, questionários aplicados em nível individual, entrevistas e grupos focais, sendo os três últimos realizados de forma remota por meio de telefone ou mensagens digitais como abordado anteriormente.

Duas fontes de informações secundárias serviram a fase exploratória de contextualização do caso em estudo: publicações relativas ao processo de ocupação na região e a atividade apícola, onde se destacam dissertações produzidas recentemente nos cursos de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros, e alguns poucos documentos digitalizados constituídos por Atas de reuniões e relatórios técnicos.

Os questionários foram adotados muito mais pela objetividade e conveniência por parte do respondente, do que pela amplitude da amostra (GIL, 2019). Havia ainda a preocupação com a estratégia de abordagem inicial, do primeiro contato. Por se tratar de um inquérito conduzido a distância, haveria incerteza por parte dos respondentes sobre a natureza dos objetivos da pesquisa (Ver anexo I).

Vale registrar que o questionário voltado a coleta de informações pessoais sobre a história do respondente, aspectos socioeconômicos e demográficos e de engajamento na apicultura e associação foram aplicados por telefone.

Também vale notar que algumas dessas aplicações foram adicionadas de continuidades no diálogo entre pesquisador e apicultora ou apicultor, contribuindo, por vezes, com informações complementares à descrição do caso.

A entrevista em profundidade foi um instrumento utilizado junto a direção da APIGUAR visando entender pontos como a quanto tempo o grupo se organiza, quantas pessoas são associadas, qual a porcentagem de homens e mulheres que compõe o grupo e se existia uma alguma organicidade antes da formalização da Associação. O roteiro elaborado (Anexo II) procurou construir uma linha de diálogo com os apicultores, abordando aspectos sobre a gestão da Associação, participação feminina, frequência de reuniões e engajamento dos associados. As perguntas foram elaboradas de maneira imparcial para servir a linha de pesquisa desejada (GIL, 2009).

Grupos focais podem ser entendidos como reuniões em que técnicas de intervenção em grupo permitem facilitar a interação entre as pessoas e promover troca de ideias, sentimentos, experiências, a respeito de um assunto específico (MALHOTRA, 2001). A obtenção da informação ocorre pela combinação de respostas diretas e observação das interações entre pessoas. No caso presencial, aspectos relacionados com a linguagem não verbal tornam-se igualmente relevantes, acrescentando certa complexidade à análise. Nesse caso os grupos formados no aplicativo de conversa funcionaram como esse espaço de interação, onde foi necessário um empenho nos diálogos para que a conversa obtivesse engajamento do coletivo, sendo utilizado áudios e vídeos para que todos pudessem sentir o mais a vontade possível para integrar aquela momento.

A interação grupal faz com que a opinião de um participante incentive outros a se posicionarem concordando ou discordando, o que contribui para o mapeamento dos pontos de consenso e dissenso, e também do escopo da discussão sobre o tema. É com base neste entendimento que afirmamos que o nível de análise dos grupos focais é a fala que emerge no grupo e não as respostas individuais de cada um de seus membros (ABREU et al. 2009)

A utilização de salas virtuais para realização grupos focais não chega a ser uma novidade e precede as restrições impostas pela pandemia de COVID-19. Estudos teóricos e experiências empíricas vem sendo retratados na literatura nas últimas três décadas, por exemplo Gaiser, (1997); Sweet, (1999); Sweet e Walkowski, (2000); Walston e Lissitz (2000); Adler e Zarchin (2002); Maclaran e Catterall (2002); e Abreu *et al.* (2009).

Para esse conjunto de autores, a aplicação remota do grupo focal aproxima-se da aplicação face a face no que diz respeito a oportunidade de apoio na sustentação de opiniões e combinação de diferentes pontos de vista sobre uma determinada situação.

Conforme lembram Abreu et al (2009), a exemplo da aplicação presencial, o grupo focal virtual permite coletar informações que dificilmente seria mencionada em uma entrevista individual, em que estivessem apenas o entrevistador e o entrevistado.

Nesse sentido, a abordagem remota do grupo focal apresenta como vantagem importante, além da questão envolvendo custos de realização, a diminuição aparente do constrangimento existente na presença física do moderador, viabilizando muitas vezes, a abordagem de temas considerados polêmicos, por exemplo, aqueles que envolvam aspectos raciais ou orientações sexuais (ABREU et al, 2009).

Para Sweet (2001), a inexistência de fatores inibidores como a maneira de falar, se expressar ou se vestir permite que os participantes de grupos focais virtuais se expressem de maneira mais sinceras e mais livre. No caso dos grupos focais realizados para construção do presente estudo de caso, nota-se uma flexibilidade positiva na forma de comunicação utilizada pelos participantes, variando entre a escrita e a gravação de áudios.

Uma outra vantagem percebida na condução da presente pesquisa foi a de possibilidade de realização assíncrona dos grupos de discussão. Essa característica mostra-se relevante em casos onde a infraestrutura de comunicação é muitas vezes precária, o acesso a rede de internet difícil e as rotinas dos participantes distintas. Nesse caso, destaca-se o papel da moderadora na manutenção da discussão nos grupos criados, não permitindo que as pautas ‘esfriem’ demasiadamente nos fóruns de debate. Outra estratégia adotada para animação dos grupos era de realizar as questões e provocações da forma escrita e em formato de áudio. Para apresentação da pesquisa e da pesquisadora, foi utilizado ainda um vídeo curto divulgado nos grupos sempre no início da interação.

O guia de discussão (Anexo III) foi elaborado pensando em dois momentos distintos da interação em grupos. O primeiro volta-se para a associação como todo e o segundo para participação das mulheres. Toda interação foi realizada utilizando aplicativo de troca de mensagens eletrônicas, Whatsapp.

### **Relato da trajetória de investigação**

Os primeiros passos foram entrar em contato com a Associação de Apicultores de Guaraciama/MG para levantar quantos associados estavam ativos e quantas mulheres compunham o grupo, para que pudesse dar andamento na investigação.

Em contato prévio com a diretoria da APIGUAR foi obtida lista com 23 nomes indicados, os quais são considerados os ativos da associação. Formalmente, a Associação possui aproximadamente 60 associados. Das pessoas inicialmente selecionadas, 11 eram mulheres e 12 homens.

É importante ressaltar que os dados aqui apresentados eram inicialmente referentes a um grupo de 23 apicultores, nas quais 15 conseguiram participar da entrevista e da dinâmica utilizada por dificuldade de acesso à rede de internet e a sinal telefônico. A divisão entre mulheres e homens na amostra foi de 11 mulheres e 12 homens. Todos que conseguiram participar inicialmente responderam a um questionário

de forma individual, realizada por telefone, onde foi possível iniciar uma aproximação para que as respostas fossem obtidas de maneira a deixar as apicultoras e apicultores o mais tranquilo e dispostos a participar do estudo. A pesquisa foi realizada no período de fevereiro a março de 2021.

A abordagem aos apicultores procedeu pelo contato telefônico e mensagem eletrônica através do aplicativo de interação social “Whats App”. Em um primeiro momento foi feita uma rápida apresentação pessoal e da pesquisa, em alguns casos a aplicação de questionário se deu imediatamente após essa apresentação, em outros casos foi realizado o agendamento.

Cabe registrar uma certa dificuldade inicialmente de obtenção de concordâncias de participação escrita ou mesmo eletrônica por parte dos apicultores. Isso revela uma implicação importante que precisa ser aperfeiçoada nos procedimentos de investigação no que diz respeito a adequação normativa sobre ética envolvendo pesquisa na área de ciência social. Em outras palavras, dado a algumas limitações de acesso e domínio sobre recursos digitais das apicultoras e apicultores na pesquisa, a concordância com os termos de pesquisa ocorreu de forma verbal pela leitura por parte do pesquisador do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo IV) seguido da concordância da apicultora ou apicultor. Uma cópia do termo foi enviada aos participantes ao final da entrevista.

Um aspecto interessante na realização do inquérito por meio de aplicativo de mensagens é o registro (gravação) automático dos diálogos, respostas e também a possibilidade de resposta assíncrona. Sobre isso, vale relatar que alguns questionários demoraram algumas semanas para serem preenchidos, pois o acesso a rede de internet por parte dos apicultores eram esporádico ou a rotina doméstica. Essa dinâmica dificultou um engajamento de tempo maior para participar da pesquisa. Esses elementos sobre os melhores horários para abordagem e disponibilidade de acesso foram, em alguma medida, considerados na divisão dos grupos focais virtuais na fase seguinte da pesquisa.

Após a resposta individualizada, os participantes foram divididos em grupos para condução da dinâmica focal. Novamente foi feita uma apresentação em forma de vídeo para ilustrar com maior clareza a pesquisa, quem estavam envolvidos e como seria a dinâmica. Esse ponto foi crucial para que os laços de confiança pudessem ser estabelecidos entre todos. As perguntas e provocações dessa fase envolveram um exercício de construção coletiva da história da Associação de Apicultores de

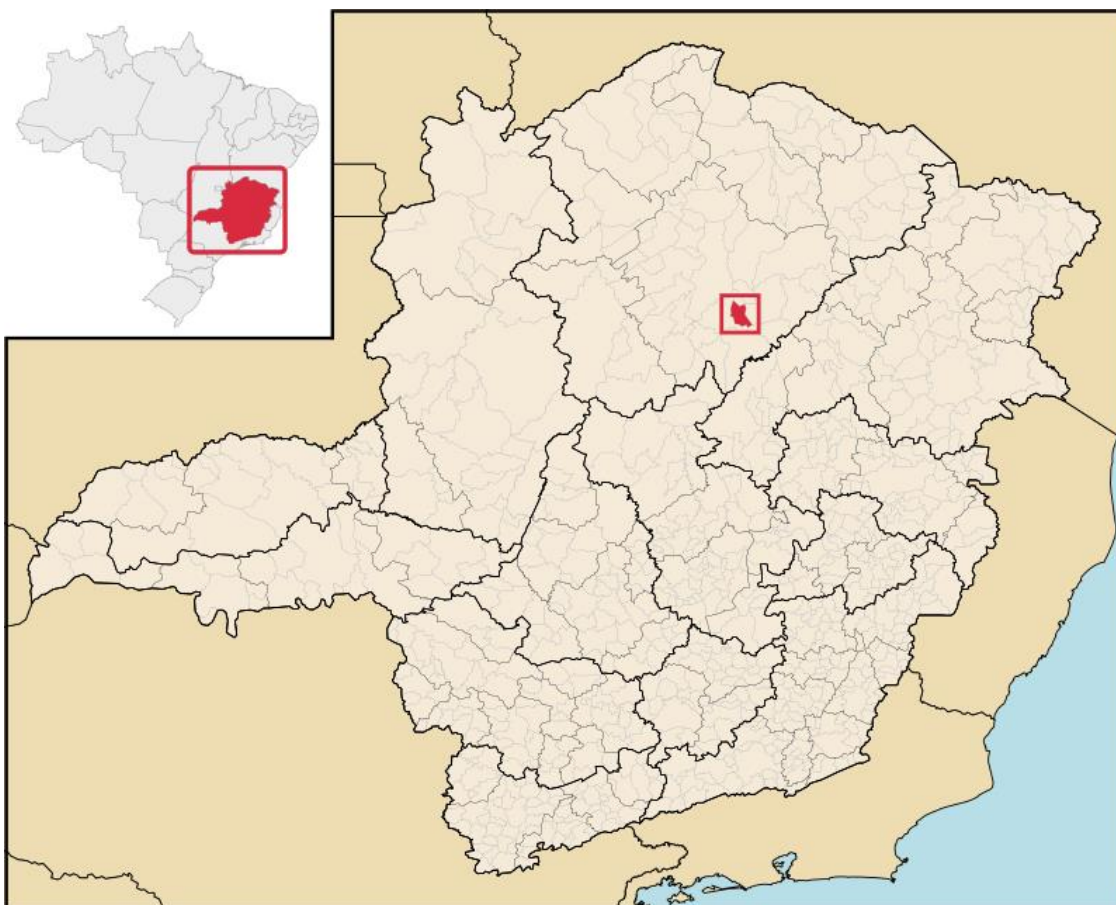
Guaraciama (APIGUAR) e a discussão sobre a participação feminina propriamente dita. A interação em grupos buscava uma construção das informações de maneira coletiva onde todos pudessem participar e contribuir com os conceitos levantados.

As perguntas norteadoras da discussão em grupos foram colocadas na forma escrita e em gravação de áudio, tendo em vista facilitar seu entendimento e participação. Dado a as sincronicidades na condução dos grupos, essas perguntas eram repedidas com frequência diária e sempre que a moderadora notava a necessidade de animar a discussão ou retomar o foco do debate. Também em alguns grupos verificou-se um desenvolvimento pendular das discussões, com idas e vindas decorrentes de retardatários na discussão. O desafio foi justamente conduzir a discussão sem perder os objetivos de pesquisa e informações dispersas em uma ordem não muito linear.

Por fim, após análise, foi realizado o compartilhamento de resultados preliminares por meio de um vídeo gravado pela pesquisadora e divulgado nos grupos de apicultores. Tal procedimento teve como objetivo não apenas oferecer uma devolutiva aos participantes da pesquisa, mas também validar os resultados obtidos sobre a realidade do caso em análise. Os comentários e reações foram registrados e utilizados na construção do caso relatado na seção seguinte.

### **Associação de Apicultores de Guaraciama – APIGUAR**

O município de Guaraciama se localiza na Mesorregião do Norte de Minas, há cerca de 1 hora e 30 minutos do polo norte mineiro, Montes Claros, e 25 minutos da cidade de Bocaiúva, a qual era distrito há não muito tempo, deixando esse título para se tornar município em 1997. Possui um território estimado em 390,263km<sup>2</sup> e apresenta vegetação pertencente majoritariamente ao bioma Cerrado. Seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,677 (IBGE,2021).



Fonte: [Guaraciama – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guaraciama).

Sua população de acordo com o último censo realizado em 2010 possui 4.718 pessoas aos quais 28,9% ocupam estabelecimentos agropecuários que representa cerca de 593 estabelecimentos, onde desses aproximadamente 71,5% corresponde a indivíduos masculinos, 28,15% indivíduos femininos e 0,35 não se aplica. É possível perceber que a relação numérica entre gêneros nesse momento não é bem equilibrada, o que poderia refletir nas atividades associativas da localidade, embora não seja esse o caso observado na Associação de Apicultores de Guaraciama que iremos considerar aqui.

O município de Guaraciama possuía inicialmente o nome Taiobas. Segundo Silva (2007) sua origem data de 1905, por meio de uma doação realizada pelos fazendeiros João Veloso e Vicente Figueiredo. Na sequência passou a ser denominada como Santa Clara, por motivos religiosos seria uma homenagem à santa que seria padroeira do lugar, o que não veio a acontecer. Em novembro de 1924, o distrito de Guaraciama foi criado e em dezembro de 1995, desmembrando-se de Bocaiúva,



emancipou-se com o nome Guaraciama, que em indígena significa 'terra do sol' em 1997 como mencionado anteriormente passa a ser considerado município oficialmente.

As famílias residentes daquela região pertencem a populações tradicionais, considerados geraizeiros realizavam suas atividades de forma livre compartilhando áreas para que pudessem viver com qualidade junto aos seus (ASSAD et al, 2009).

Assad (2009), em seu trabalho nos apresenta como a população de Guaraciama desenvolveu e ainda desenvolve suas atividades agrícolas. Atividades que sempre fizeram parte da vivência daquelas pessoas agora se esbarram em conflitos territoriais e assim reescrevem a história local. A comunidade de agricultores no norte de Minas, sente-se prejudicada pela introdução dos plantios de eucalipto por diversas questões socioambientais principalmente a redução das áreas comuns, “os gerais” onde produziam de forma coletiva.

Embora os conflitos existam, uma alternativa encontrada para mediar essas relações foi o incentivo a atividade apícola no norte de minas. Produtores rurais passaram a desenvolver a atividade como uma alternativa de geração de renda, visto que as áreas que antes era possível transitar livremente hoje pertence a grandes empresas florestais e assim podem desenvolver uma convivência mais harmoniosa por permitir que essa atividade possa se desenvolvido de forma conveniente a ambos (ASSAD et al, 2009).

A atividade apícola começou a se desenvolver na região com auxílio de políticas públicas destinadas aos produtores que buscavam agregar mais essa atividade às que já desenvolviam. Devido a esse movimento várias associações e cooperativas começaram a se estruturar para ter acesso aos programas e incentivos destinados aos apicultores.

Durante o levantamento de dados para essa pesquisa, os apicultores e apicultoras descreveram a importância das associações e cooperativas como forma de acessar as políticas públicas. Eles relataram que a atividade na região existia de forma extrativista e não tão valorizada, que antes mesmo da associação existir alguns já realizavam o ofício ao qual foi apreendido com parentes próximos como pais e tios, mas a organização e a conquista de insumos para a apicultura, somente foi possível através da associação, dentre outras coisas.

A Associação de Apicultores de Guaraciama – APIGUAR, surge nesse contexto de desenvolvimento territorial. Seus primeiros integrantes foram mulheres e homens que já possuíam um laço afetivo e viram naquela oportunidade uma forma de alcançar

uma independência financeira maior e adquirir conhecimento através de cursos e formações.

Observando as informações levantadas, dentro das limitações colocadas pela distância, pude perceber que as mulheres da associação já estão a bastante tempo nessa atividade, o que proporcionou a elas uma autonomia descrita por elas mesmas. Trabalhar com a Apicultura proporcionou a essas mulheres melhorar as condições dentro seus lares com mais conforto, possibilitou também que fizessem aquisições pessoais que antes dependiam de seus parceiros.

Dentre os fatos descritos por elas, houve recorrência na valorização das relações construídas, de como é bom poder fazer os cursos, encontrar as pessoas para apreender mais, estar envolvida com a associação e compartilhar conhecimentos e estreitar laços fortalecendo todo o grupo. O empoderamento observado foi sendo construído ao longo dos anos, crescendo do individual para o coletivo e levando as apicultoras a serem protagonistas de suas histórias. Também foi possível perceber a existência de apicultoras fora da associação, pois é uma atividade que muitos já praticavam, mas não de maneira organizada como na associação, e existem aquelas que são esposas dos sócios e devido a dinâmica adotada não tive acesso para entender melhor essa participação.

Um relato importante e peça fundamental dessa história pertence a vice presidente da associação, que compõe o time de associados desde sua fundação.

Desde o início a atividade de apicultora exige muito esforço, paciência o que possibilita um aprendizado diário. Ser mulher nesse cenário foi mais difícil do que possa parecer, pois enfrentei dificuldades que vão desde ter a capacidade de realização das tarefas com as abelhas questionadas, até ter as atividades domésticas sendo julgadas. Mesmo assim persisti e junto a outras mulheres conquistamos um lugar de importância para a associação além de uma atividade nova, conquistamos novas amizades, construídas ao longo dos anos, nos espaços de reuniões e cursos destinados ao grupo (Vice-presidente da APIGUAR).

Um dos fatores limitantes da pesquisa realizada a distância é justamente não conseguir captar certas informações que são coletadas pela observação das apicultoras. É preciso descrever exatamente o que cada apicultora está dizendo para que seja o mais fiel ao que realmente acontece.

## **Contexto da apicultura no Norte de Minas**

De 2002 à 2016, verifica-se um aumento na produção agregada de mel no estado de Minas Gerais, com ligeira queda na produção em 2011 e 2012, período que coincide com secas prolongadas na região Norte, Noroeste e Vale do Jequitinhonha. No ano de 2017, a produção norte mineira aparece em terceiro lugar com 804 toneladas, atrás da Zona da Mata e do Vale do Jequitinhonha subsequente e posteriormente a região do Vale do Rio Doce que somadas representam aproximadamente 65% da produção total do estado (DEMIER, 2018).

Dentre as maiores produções daquele ano de 2017 podemos observar a presença do município de Bocaiuva com 143 toneladas adquiridas sob 5.500 colmeias. O destaque para a região do Norte de Minas poderia ser melhor caso o uso de tecnologias adequadas ao clima da região tivessem sido aplicadas e assim potencializando os apicultores locais (DEMIER, 2018).

A apicultura no Norte de Minas teve seu início com os agricultores realizando a atividade de maneira extrativista. Durante as entrevistas as apicultoras e apicultores relataram um passado recente de produção apícola extrativista.

O povo embreava pros mato a fora e procurando onde tinha as colmeias, era bem difícil porque as abelhas mudavam muito de lugar, então não tinha muita gente que queria fazer esse tipo de serviço [sic.] (Apicultora A)

Essa forma de coletar o mel pelos “meleiros” também foi descrita por Demier em sua pesquisa, onde o mesmo considera que a atividade possuía um aspecto exclusivamente extrativista, de certa forma até predatório, pois o manejo realizado de maneira inadequada proporcionava a perda dos enxames e possivelmente até mesmo da árvore onde se encontrava as colmeias. O consumo era realizado principalmente pela família, não se praticava uma colheita com viés lucrativo nesse início que tem os primeiros registros nos anos de 1980 (DEMIER, 2018).

A atividade permaneceu assim por algum tempo, aproximadamente de 20 anos, muito associada a práticas extrativistas e de subsistência. No início dos anos 2000, programas voltados a inclusão produtiva, geração de renda e desenvolvimento regional foram colocados em prática pelo governo federal e estadual, mas também por políticas privadas e do terceiro setor. A apicultura foi uma das atividades incentivadas. Entidades como a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba - CODEVASF, o Serviço de Apoio às Micro e Pequena Empresa - SEBRAE, o Centro de

Agricultura Alternativa - CAA, Fundação Banco do Brasil, Ministério da Integração Nacional, entre outras estavam envolvidas em desenvolver a apicultura.

A fundação da Associação de Apicultores de Bocaiuva – APIBOC, ainda em 1999, serviria posteriormente como exemplo para muitas outras associações, dentre as quais a Associação de Apicultores de Guaraciama -APIGUAR, fossem fundadas. (DEMIER,2018). A organização de produtores de mel em associações e cooperativas permitiu não somente o ganho em escala e compartilhamento de estruturas produtivas como casas de mel e transporte, mas também melhor capacidade de barganha junto a compradores, bem como acesso a políticas de distribuição de materiais e equipamentos. Em outras palavras, muitos dos incentivos para formação de grupos organizados de apicultores foram, em um primeiro momento, externos.

### **Associação dos Apicultores de Guaraciama – APIGUAR**

Como visto anteriormente, a apicultura comercial começa a ganhar relevo nos últimos 15 anos e combina práticas tradicionais praticadas por populações tradicionais, por exemplo geraizeiros, somado a políticas públicas e privadas de incentivo a geração de renda. Não menos importante nesse contexto, o período de escassez hídrica vivido nos últimos dez anos, com impactos diretos sobre a agricultura e pecuária, foi, em certa medida, favorável para o rápido crescimento da atividade apícola em toda região Norte de Minas (DEMIER et al. 2020).

Fazer parte de uma associação ganha importância junto aos movimentos comunitários regionais por diversas razões. A primeira é de resistência, em reação aos movimentos de apropriação de terras comuns e conflitos pela água. O papel de organizações não governamentais, ministério público, universidades e sindicatos foi bastante relevante nesse sentido. A segunda, fazer parte de um grupo de projetos compensatórios realizados pelo setor privado – o mesmo responsável pela apropriação de terras e da água – além dos projetos públicos baseados em transferência tecnológica e geração de renda, e.g. atuação da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF.

A grosso modo, essa mistura de reatividade e busca de acesso a políticas públicas e privadas, serviram de catalizadores para multiplicação de grupos organizados da sociedade civil junto a agricultura familiar no espaço local na forma de associações e cooperativas dos temas mais diversos em meados dos anos 2000.

A Associação de Apicultores de Guaraciama – APIGUAR é fruto de mobilização local de apicultores que já participavam ou buscavam participar de outras associações de apicultores nas imediações com sua fundação no ano de 2009. A participação desses produtores em organizações do entorno era quase sempre marginal, com baixa representatividade e pouca capacidade de ter suas demandas específicas atendidas. Por essa razão, tendo em vista uma maior autonomia e representatividade, aquele grupo de apicultores e interessados fundam a APIGUAR.

Na sua formação inicial, a Associação reuniu entre seus fundadores várias comunidades do município de Guaraciama (figura 2), sendo elas Itabatinga, Buritizal, Brejinho, Marimba, Assentamento Para Terra 1, Assentamento Cana Brava, Rio das Pedras, Estiva, Brejão, Cabeceira de Cana Brava. Contando também com moradores do município de Bocaiuva.

É interessante notar que a APIGUAR foi fundada não apenas por apicultores já estabelecidos, mas também por aqueles que começavam a se interessar pela atividade. Havia, desde o início, um grupo bastante heterogêneo no que diz respeito ao domínio das técnicas apícolas, experiência coletivas e organização da produção. Essa relativa facilidade na fundação da associação permitiu a inclusão de mulheres que despertavam, naquele momento, interesse pela atividade. Notadamente, 40% da diretoria fundadora da APIGUAR eram constituídas por mulheres, proporção que tende a permanecer nos dias atuais.

Vale observar que a apicultura era tida como atividade marginal, uma ‘coisa de preguiçosos’ muitas vezes distante da lavoura e da lida com o gado, tradicionalmente associado ao trabalho ‘penoso’ de responsabilidade masculina.

O apoio, resultados e conquistas de organizações vizinhas, em especial a Associação de Apicultores de Bocaiuva, serviram em grande medida de inspiração para o grupo que iniciava sua trajetória na atividade em Guaraciama. Os laços estreitos mantidos com a APIBOC representam estruturas externas de compartilhamento importantes que evitam possíveis problemas de aprisionamento tecnológico (lock-in) associados a grupos que compartilham laços estritamente densos como apontados Burt (1982). Segundo relato de uma das entrevistadas:

Sou uma das fundadoras dessa associação. A associação começou com uma parceria de outra associação a APIBOC (Associação de Apicultores de Bocaiuva), alguns sócios eram sócios nas duas e pôde fortalecer os apicultores iniciantes como eu. Nossa maior conquista foi a união e as parcerias somos unidos até hoje, as maiores dificuldades foram levar o conhecimento para os consumidores do nosso município a respeito do mel e aos políticos entender que apicultura também é

uma profissão e hoje estamos tentando levar o mel para merenda escolar através da COOPEMAPI essa será uma grande vitória. E chegar até onde chegamos hoje é uma grande superação e teremos muitos desafios ainda para frente com união e grandes parcerias tenho certeza que vai dar tudo certo (Apicultora B)

Com a fundação da associação muitos benefícios puderam ser vivenciados, como diversos cursos promovidos por instituições como a de Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, capacitando as produtoras e produtores na atividade da apicultura. Parcerias com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba -CODEVASF, garantiram equipamentos de centrifugação do mel, caixas, equipamento de segurança, dentre outros benefícios; com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais – EMATER/MG conseguiram assistência técnica para o melhoramento das colmeias e melhor qualidade dos enxames; com a multinacional VALLOUREC, local para instalação de caixas nas áreas de reflorestamento e promover um aumento no apiário para os associados; com a Cooperativa dos Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas - COOPEMAPI, o escoamento da produção; além do sindicato dos produtores rurais, Prefeitura e Câmara do município de Guaraciama apoiando na articulação e logística. Uma das maiores conquistas foi a conquista de uma Casa de Mel contêiner, que vai potencializar a produção da APIGUAR.

O grupo de sócios participantes da pesquisa se mostrou muito bem articulado e motivado a manter a APIGUAR, garantindo a sucessão da associação, ponto importante que é debatido pelos produtores e também a academia. Um fator interessante que foi identificado durante o levantamento de dados é que dos participantes, 80% possuem parentes nas comunidades. Portes (2000), coloca como os benefícios vivenciados pelos indivíduos por compor um grupo e construir um aspecto social propicia a criação das redes fundamentais para a manutenção do capital social. Bourdieu afirma que a solidariedade a qual fazem parte é fruto das relações construídas em grupo promovendo assim o capital social. As comunidades mencionadas são próximas umas das outras, segundo os próprios participantes da pesquisa, o que facilita esse convívio parental e potencial combustível para a consolidação do capital social ali observado.

Quando perguntados a respeito da permanência no campo dos apicultores ou de integrantes da família, em sua maioria relataram que não possuíam parentes que saíram do campo nos últimos 10 anos. Ao compararmos essa informação com a quanto tempo são sócios da APIGUAR, onde a média entre mulheres é de 10 anos e a média entre os

homens de 16 anos podemos perceber que a apicultura pode ter influenciado nessa decisão.

Um fator que, ao iniciar essa pesquisa, eu buscava entender era a participação feminina na associação. O primeiro aspecto encontrado no levantamento de dados através das entrevistas foi quanto ao número, que corresponde a 53% dos participantes. Das participantes é possível encontrar integrantes da diretoria, o que pode interferir positivamente no funcionamento da APIGUAR segundo os próprios sócios. Durante as dinâmicas ocorridas ao perguntados da participação das mulheres apicultoras, a presença delas foram atribuídas a uma ótima organização da associação, engajamento em projetos, formação e manutenção do grupo ativo. Além de uma participação significativa de mulheres os jovens estão se aproximando e se interessando mais pela prática da apicultura, inclusive o atual presidente que possui 19 anos e é filho de umas das apicultoras que lhe ensinou o ofício. Segundo Portes, para possuir capital social as relações precisam ser estabelecidas e assim os seus benefícios serão vivenciados de maneira plena e coletiva, e não de maneira individual.

Das atividades desenvolvidas além da apicultura encontramos apicultores que trabalham em empresa de reflorestamento local, no Sindicato dos metalúrgicos, que é funcionário público, em floricultura e as que se sobressaem quanto ao número de pessoas realizando a atividade é a lavoura e pecuária. Dos dados levantados na pesquisa, 40% não possui nenhum auxílio do governo, 33% recebe Bolsa Família, 20% são aposentados e 7% recebeu auxílio emergencial. Com isso podemos perceber que mesmo estando engajados com a associação e através dela conseguir realizar a comercialização do mel ainda é preciso ter outra fonte de renda para investir em equipamento, tendo em vista que a participação da associação permite o acesso a políticas públicas que favorecem os apicultores e sendo assim nem sempre esses insumos são adquiridos, sendo necessário algum investimento, o que impede uma dedicação exclusiva a maior parte dos participantes.

Das mulheres entrevistadas 12,5% estão envolvida com atividade externa ao meio rural, as demais associam suas atividades domésticas, na lavoura e pecuária com o realizado nos apiários, possibilitando uma sobrecarga na vida dessas mulheres, onde 63% do trabalho realizado em casa é realizado pela esposa e mãe, tendo assim pouco envolvimento dos homens nessa área. Contudo, a relação com apicultura promoveu uma série de melhorias nas vidas dos pesquisados, fato que potencializa a permanência na atividade e inspira a participação de outras mulheres e jovens na localidade. Um ponto

importante a se considerar é que no aspecto referente a independência financeira teve o correspondente a 100 % das respostas das mulheres entrevistadas.

Todos os entrevistados possuem algum grau de escolaridade, onde em sua maioria concluíram o Ensino Médio correspondendo a 40%, 33% possuem o Fundamental Incompleto, 13% o Fundamental Completo, 7% Curso técnico e 7% Ensino Superior.

Durante o processo de investigação algumas perguntas foram destinadas as relações que se forjaram por serem apicultores. Das experiências compartilhadas por eles, estar próximo a natureza de uma maneira mais integrada, entendendo como as abelhas são importantes para a manutenção de várias espécies de plantas que fazem uso no dia a dia e não se davam conta do ciclo por traz da sua existência, como elas trabalham juntas, permitindo que o envolvimento com a prática e com os companheiros da associação se tornasse a liga que mantem o grupo unido.

Nesse processo os laços que foram sendo construídos puderam ser considerados como um procedimento terapêutico. Estar entre as abelhas significa para os apicultores uma fonte de aprendizado e inspiração sobre as próprias abelhas, o meio ambiente e como sua proteção é importante, além de trazer esse ensinamento para as relações pessoais. O envolvimento com a apicultura é algo que vai além de uma atividade para complementar a renda, ela promove o engajamento e estreita os laços existentes no grupo, principalmente entre as mulheres apicultoras. Os apicultores, quase em sua totalidade, disseram não ter nada nos aspectos que envolvem a apicultura, que não gostem de desenvolver, demonstrando que é uma prática que pretendem expandir cada vez mais.

A construção da sede para a APIGUAR na cidade de Guaraciama é um dos principais objetivos do grupo. Em suas falas os apicultores almejam a muito tempo um lugar para chamar de seus. Garantir um local onde as reuniões, os cursos, os treinamentos as festas possam acontecer com mais frequência e independência, facilitando a participação de outros produtores e produtoras.

### **Papel das mulheres na construção de capital social da APIGUAR**

No ano de 2009 algumas mulheres moradoras da região da cidade de Guaraciama/MG que já trabalhavam como apicultoras, foram convidadas a compor uma associação que beneficiaria os apicultores locais. Para essas mulheres, a formação de uma associação de apicultores representava uma possibilidade de independência



financeira, visto que muitas dessas não possuíam fonte de renda e dependiam economicamente do marido ou outro familiar.

Vale notar que a apicultura era tida como atividade marginal, não ocupando espaço junto às práticas geradoras de renda e subsistência tradicionais. Uma atividade, no máximo, secundária. Nessa época alguns agricultores não consideravam a apicultura como uma atividade que pudesse ser praticada ou substituir as culturas convencionais como a pecuária e agricultura. A atividade apícola era um ofício considerado menos penoso e por isso, pouco valorizado.

A associação começou devido uma demanda dos apicultores da região aqui de Guaraciama, as vezes eles era muitos isolados dentro das associações comunitárias, devido a esse embate decidimos criar uma associação somente da atividade apicultura, para facilitar a arrecadação de projetos (Apicultor B)

Com a fundação da Associação dos Apicultores de Guaraciama (APIGUAR), o primeiro ponto que muitas consideram de extrema importância, além do fator financeiro, foi o engajamento social vivenciados por elas. As formações para o aprimoramento da prática com o apiário também são consideradas o ponto alto da participação da associação, pois aprendem como a manutenção e técnica podem melhorar a produção. Por ser uma atividade realizada em grupo os laços antes mencionados se estreitam ainda mais, promovendo um ambiente extremamente familiar e acolhedor. O conhecimento gerado pelo espaço de formação é mencionado com muito apreço, demonstrando que aquela interação ultrapassa as “paredes” da associação.

No início foi muito difícil assim porque a gente não sabia muito lidar com as abelhas, mas, graças a Deus, logo que eu comecei, eu fiz o curso em produção de mel e cera, aí logo eu coloquei em prática. Às vezes é difícil assim que você chega um apiário você tem um apiário 10 caixa você chega às vezes tem 6 com abelha e tem mais 4 vazia, aí no início a gente ficava triste, mas graças a Deus, a gente aprendeu a lidar com as abelhas (Apicultora C)

Apesar da dificuldade encontrada no início do processo de aprendizagem, a persistência das mulheres em se tornarem apicultoras era, e ainda é, o diferencial dentro da APIGUAR. A presença das mulheres se tornou referência regional, podendo servir de inspiração para outras mulheres a comporem associações e cooperativas.

Em questão desse número de ter mais mulheres na associação, eu acho que isso é uma gratificação pra nós mulheres e também pra gente mostrar que a mulher também é capaz de fazer a mesma atividade que o homem, que as vezes tem muita discriminação e as vezes assim a gente é mais lenta, mas a gente é mais cuidadosa também sabe, a questão do transporte, das limpezas das coisas. Não que o homem não

tenha esse cuidado, mas a força da mulher faz diferença e principalmente pros homens, muitos são machistas e acha que a mulher não tem capacidade e que muitas vezes a atividade requer um pouco mais de esforço, as vezes a gente é até discriminada e tem gente que até duvida que tem mulher que tem coragem de participar dessa atividade da apicultura (Apicultora D)

Um fator que dificultou e ainda é uma barreira que muitas vivenciam é a relação com o machismo em suas casas, na associação e nas feiras que participam. As feridas geradas pelo comportamento machista ocasionado por uma estrutura social, podem ser observadas nas falas dessas mulheres desde a sua participante mais nova a sua mais antiga na construção da APIGUAR.

A Associação possuía na data da pesquisa 25 sócios ativos, segundo a diretoria, aos quais 12 são mulheres, com idade entre 32 a 65 anos, com escolaridade entre fundamental incompleto ao ensino superior. O grupo investigado se mostra muito interessado na manutenção da associação sempre buscando novas mulheres para se tornarem socias.

A prática leva o grupo de mulheres apicultoras a ter um laço que às unem em prol da autonomia e independência, não somente financeira, mas emocional também. Muitas amarras, comportamentos herdados socialmente, atitudes que são replicadas de forma natural passam a ser questionadas e modificadas como por exemplo autonomia em compras pessoais de produtos de higiene ou utensílios para casa possibilitando que elas se sentissem mais donas da própria vida, sem que precisem pedir permissão para realizar o mínimo para elas mesmas.

Compor um grupo de mulheres em uma atividade que tem em maioria um público masculino, as colocou em uma posição de destaque a qual elas buscam passar a diante com a sucessão através de seus filhos e filhas.

Ao abordarmos o tema “empoderamento” talvez pensemos em mulheres que estão sempre com o discurso do feminismo e de seu lugar na sociedade na ponta da língua. Não que isso não seja observado nesse grupo, mas sua relação se torna algo muito mais sutil. Para elas não é preciso estar sempre em enfrentamento e se expondo em passeatas nas ruas, pois a busca pelo seu espaço nessa sociedade acontece no dia a dia como um trabalho de base que se inicia dentro de suas próprias casas. É entendendo seu valor social, primeiramente em seus núcleos familiares, com uma estrutura do campo diferente do que muitos esperam encontrar, que o verdadeiro empoderamento acontece e consegue colocar aquelas mulheres em movimento e na luta sobre a ótica de quem são, como mulheres rurais.

Para as mulheres aqui observadas o ganho pela apicultura não veio somente com a questão financeira e sim como essa renda era utilizada dentro de seus lares. Ao ingressar nessa atividade a renda sempre esteve associada ao bem estar da família, como melhorias na casa, aquisição de eletrodomésticos, reformas em casa, dentre outras melhorias. Ao se envolverem com uma atividade extra que garanta uma renda o principal movimento que elas realizam sempre está associado ao bem estar de seu núcleo familiar, favorecendo a permanência de jovens no campo.

A participação das mulheres se torna algo importante em dois aspectos principais que se ramificam e potencializa outras relações. O primeiro motivo pode ser associado aos vínculos que são criados. O outro aspecto seria a facilidade em ter projetos onde existem mulheres envolvidas aprovados.

Na apuração das informações levantadas, as quais homens e mulheres fizeram parte da pesquisa, a organicidade que as mulheres possuem foi levantada pelos sócios da APIGUAR como um fator que favoreceu o bom andamento e perseverança da associação até a atualidade. Outro fator levantado foram os laços estabelecidos, aos quais possibilitam uma relação mais fraterna, que ultrapassa as funções da associação em si, sendo considerada uma grande família e por se tornar algo mais intimista as famílias são envolvidas onde os conhecimentos são passados as próximas gerações garantindo a sobrevivência da associação.

A participação de mulheres em associações, cooperativas, projetos de geração de renda vêm sendo incentivada a alguns anos através de políticas públicas destinadas a esse público. Apesar desses incentivos ocorrerem em níveis embrionários, a mudança na vida de muitas mulheres rurais pode ser observada nos últimos anos. Dessa maneira a APIGUAR conseguiu acessar projetos que seriam mais difíceis se não fosse a participação feminina e assim alimentando um ciclo positivo onde o acesso a essas políticas públicas possibilitam melhorar a renda dessas apicultoras, que por sua vez melhoram seus núcleos familiares, potencializando a permanência dos jovens no meio rural que irão compor a associação no futuro e assim fechando o ciclo.

## **Conclusão**

O presente trabalho procurou investigar o papel da participação feminina no fortalecimento do capital social junto a um grupo organizado da apicultura no Norte de Minas Gerais. Nesse sentido passamos por diversos autores que nos auxiliaram no entendimento de como a percepção do capital social poderia explicar o comportamento daquele grupo de mulheres. Com isso os conceitos identificados nesse trabalho foram observados e localizados em torno da explicação construída pelos autores Bourdieu, Coleman e Putnam a respeito do capital social. Contudo apresentaram conceitos distintos, sendo assim recorreram a formas diferenciadas para descreve-lo embora se aproximassem.

A partir do entendimento de como grupos organizados forjam o capital social e entendendo com a mulher se fez fundamental nesse processo, o próximo passo foi o de buscar uma metodologia que abarcasse a intencionalidade de colocar luz sobre essas mulheres apicultoras.

Desenvolver os mecanismos que foram utilizados demandou uma certa atenção, pois não estávamos (e ainda não estamos) em condições sanitárias ideais para a realização de coleta de dados em campo. Com isso me permitir criar uma linguagem através das ferramentas que tinha a minha disposição que foram o cruciais para que pudesse estreitar os laços de confiança necessários a um pesquisador. Pensar durante o processo foi desafiador, mas também transformador.

Munida com os dados coletados entender as relações construídas e mantidas por aquele grupo de mulheres Apicultoras se tornou uma tarefa mais prazerosa a ser desvendada. Durante a coleta de dados ficou claro que estava diante de algo único e especial e assim foi possível identificar junto a literatura lida comportamentos que corroborava com o que os autores abordaram em seus trabalhos.

O capital social por Bourdieu nos permite entender como é possível um indivíduo com capital social conseguir mobilizar uma ampla rede de relações sociais em auxílio de suas intenções. Assim pudemos identificar através das entrevistas realizadas como as ações que buscavam sanar uma angústia pessoal, embora fosse a realidade da maioria das mulheres, foi fundamental para que uma articulação que fosse favorecer para além do individual se estabelecesse na associação.

Movidas inicialmente por um interesse próprio, a construção da associação possibilitou conciliar todo caráter burocrático em prol do coletivo possibilitando o surgimento e manutenção do capital social necessário para que todos pudessem

prosperar, bem como aborda Coleman em seus trabalhos. Alguns autores argumentam que o fato do capital social ser um recurso construído coletivamente cria incentivos para que os indivíduos façam parte da rede de relacionamentos, da mesma forma em que a entrada de novos integrantes pode viabilizar externalidades positivas para a rede.

Para Putnam, o capital social está intimamente relacionado às redes, normas e confiança que facilitam a coordenação e cooperação entre indivíduos. Sendo assim as apicultoras demonstraram estar muito bem engajadas entre si. O convívio pode promover um ambiente onde todas usufruam da partilha de conhecimentos tanto realizados por cursos, quanto aqueles que foram repassados de geração em geração. A constância e a persistência na manutenção do grupo tornaram as mulheres mais fortes para enfrentar possíveis crises que atrapalharia a produção apícola.

O engajamento cívico abordado por Putnam, foi entendido como estoque de capital social que proporcionaria as condições necessárias tanto para o desenvolvimento econômico, quanto para eficácia de governos. Essa liga alimentada pelo dever cultivado no grupo de se ajudarem é palco para diversas conquistas coletivas e conseqüentemente individuais, proporcionando uma melhora na condição de vida das apicultoras, levando a um movimento de expansão da rede envolvendo também seus familiares.

A construção dos laços sociais iniciando pela família expandindo para os vizinhos que posteriormente se tornam amigos e relações profissionais para a comunidade, são mecanismos potencializador da constituição do capital social. É justamente nessa sequência que identificamos a liga que mantém o grupo da APIGUAR juntos desde sua fundação em 2009, principalmente pelo comportamento feminino de manter e cultivar as relações que foram construídas ao longo dos anos.

Portanto, observar esse caso possibilitou entender como a participação feminina corrobora para a manutenção e fortalecimento do capital social que favorece o grupo. Os laços construídos ao longo dos anos possibilitaram a estruturação de um coletivo forte e organizado. Considerando os anseios individuais das mulheres na busca por emancipação e os coletivos na estruturação da associação com equipamentos que são fruto do trabalho coletivo do grupo e dos agregados que vão sendo inserido ao longo do tempo.

A mulher, embora seja peça fundamental da engrenagem na estrutura social que estamos inseridos, como pudemos perceber ao longo desse trabalho importantíssima na construção do capital social, ainda nos dias de hoje busca espaço para exercer atividades não habituais às mulheres com a mesma visibilidade e prestígio que os homens. Por

tanto se faz extremamente necessário colocar luz sobre a importância que as mulheres possuem para que a roda continue a girar e assim permitir que outras mulheres conheçam os passos que podem ser traçados.

## Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada** – n 2, vol. IV: 379-397, abril/junho 2000.
- ABREU, N. R. de; BALDANZA, R. F.; GONDIM, S. M. G. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **JISTEM – Journal of Information Systems and Technology Management**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 5-24, 2009.
- ADKINS, Lisa. Community and Economy: A Retraditionalization of Gender? **Theory, Culture e Society**. Vol.16. nº1,1999.
- AGUIAR, V. V. P.; STROPASOLAS, V. L. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, p. 157-182, 2010.
- AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 261–295-261–295, 2016.
- ALBUQUERQUE, Rosana. **Associativismo, capital social e mobilidade**: contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal. – (Teses; 41). VMCdesign. Lisboa, dezembro, 2013.
- ASSAD, Luís Tadeu; LITRE, Gabriela; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **A vida por um feixe de lenha**: experimento metodológico de gestão de conflitos Socioambientais. Brasília, DF: Editora IABS – Instituto Ambiental Brasil Sustentável em coedição com Editorial Abaré, 2009. ISBN: 978-85-99827-07-9
- BATALHA, Mário Otávio; BUAINAIN, Antônio Márcio; SOUZA FILHO, H.M. de. **Tecnologia de gestão e agricultura familiar**. Gestão Integrada da Agricultura Familiar. São Carlos (Brasil): EDUFSCAR, p. 43-66, 2005.
- BATISTA, Sidney Daniel. **Etnogeografia, Etnopolítica e o Estudo da Paisagem nas Comunidades Quilombolas da Fazenda Alto dos Bois Angelândia/Vale do Jequitinhonha - MG**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.2015.
- BARBOSA, Regina Helena Simões et al. Gênero e trabalho em saúde: um olhar crítico sobre o trabalho de agentes comunitárias/os de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 751-765, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de, 1908-1986. 2.ed. **O segundo sexo** / Simone de Beauvoir ; tradução Sérgio Milliet. - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009. 2v.Tradução de: Le deuxième sexe. Conteúdo: v.1. Fatos e mitos - v.2. A experiência vivida ISBN 978-85-209-3913-0

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Mulher negra no mercado de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 479-479, 1995.
- BERTH, Joice. Empoderamento. Joice Berth. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; **Pólen**, 2019.184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) Bibliografia ISBN 978-85-98349-75-6
- BOURDIEU, P. The Forms of Capital", in J.G. Richardson (ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, p. 241-258, 1986.
- BURT, Ronald S. **Structural holes: the social structure of competition**. Harvard University Press, Cambridge, 310 p. 1992.
- CAIAZZA, Amy; PUTNAM, Robert D. (2005) Women's Status and Social Capital in the United States, *Journal of Women, Politics & Policy*, 27:1-2, 69-84, DOI: 10.1300/J501v27n01\_05.
- CALVELLI, Haudrey Germiniani; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; SILVA, COSTA, Marcilene Silva da; KATO, Maria do Socorro. Trabalho De Homem, Trabalho De Mulher": Divisão Social De Trabalho em Cinco Localidades Agrícolas do Nordeste do Pará. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007.
- CALVELLI, Haudrey Germiniani; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; SILVA, Erika Cristiane. As relações de gênero e a Agricultura Familiar de Pesqueira (PE): o empoderamento feminino a partir da produção de matérias-primas para o biodiesel. **Anais do XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. São Pedro, São Paulo, de 24 a 28 de novembro 2014. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2256>
- CAZELLA, A.A.; BONNAL, P.; MALUF, R.S. (Orgs.) **Agricultura familiar, multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, NEAD, IICA, 2009. 301p.
- CHEMAITELLY, Hiam et al. The role of gender in the association of social capital, social support, and economic security with self-rated health among older adults in deprived communities in Beirut. **Quality of Life Research**, v. 22, n. 6, p. 1371-1379, 2013.
- COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, n. 94, p. 95-120, 1988.
- COX, Eva M. **A Truly Civil Society**. Boyer Lectures, ABC Books, Sydney, 1995.
- CRUZ, Maria Helena Santana; BORGES, Josefa Lusitânia de J. **Serviço Social e Gênero: Interface com as Políticas Públicas e Sociais**. Editora Appris, 2020.
- DEMIER, A. D. M. ; OLIVEIRA, D. C. ; MAKISHI, FAUSTO . Doces matas do Norte de Minas Gerais: atores, instituições e construção da indicação geográfica do mel de aroeira. **Revista Espinhaço**, v. 8, p. 61-70, 2020.
- DEMIER, ALEX DOUGLAS MARTIN ; OLIVEIRA, DANIEL COELHO DE ; MARCELINO DE JESUS, CLESIO ; MAKISHI, FAUSTO . A construção social da



Indicação Geográfica para o mel de aroeira no Norte de Minas Gerais: uma análise sobre atores e processos. **REVISTA CERRADOS (UNIMONTES)**, v. 18, p. 227-253, 2020.

ELLIS, Frank. Household strategies and rural livelihood diversification. **The journal of development studies**, v. 35, n. 1, p. 1-38, 1998.

EVANS, Peter. Government action, social capital and development: reviewing the evidence on synergy. **World development**, v. 24, n. 6, p. 1119-1132, 1996.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 47-71, 2004.

FEAGIN, Joe R.; ORUM, Anthony M.; SJOBERG, Gideon (Ed.). **A case for the case study**. UNC Press Books, 1991.

FERNANDES, Antonio S. A. O conceito de capital social e sua aplicação na análise institucional e de políticas públicas. XXV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração - - Enampad, 25., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: Anpad, 2001.

FERNANDES, Taize dos Santos; LOPES, Gisele Silveira Coelho; WATANABE, Melissa. Dimensões do empoderamento feminino: autonomia ou dependência? **Revista Alcance** – Eletrônica – vol. 23 – n. 3 – jul./set. 2016. ISSN: 1983-716X

FONSECA, Marília et al. O papel das mulheres na pesca artesanal marinha: estudo de uma comunidade pesqueira no município de Rio das Ostras, RJ, Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**-Journal of Integrated Coastal Zone Management, v. 16, n. 2, p. 231-241, 2016.

FURLANETTO, Egidio Luiz. Instituições e desenvolvimento econômico: a importância do capital social. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 55-67, 2008.

GAVIRIA, Margarita Rosa; PEZZI, Silvane Maria. **O poder simbólico da renda na mobilização social de jovens de comunidades rurais**. A agricultura familiar à mesa Saberes e práticas de alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UERGS, p. 43-57, 2007.

GENARI, Denise. Mensuração do capital social e comprometimento nas indústrias vitivinícolas do Vale dos Vinhedos associadas à APROVALE e à APROBELO: uma abordagem organizacional. Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos. Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** / Mirian Goldenberg. - 8 ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRABHER, G., 1993. The weakness of strong ties: the lock-in of regional development in the Ruhr area. In Grabher, G. (ed.), **The Embedded Firm: on the Socioeconomic of Industrial Networks**, London, Rutledge, 255-77.

GUIMARÃES, Soraia de Mello; QUIRINO, Raquel. **A divisão sexual do trabalho e as relações de gênero no meio rural**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

GUSMÃO, Yara Janaina Pinto. **Agroextrativismo, Comunidades Tradicionais e os desafios na comercialização dos Produtos**: Januária, norte de Minas Gerais. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território da Universidade Federal de Minas Gerais e Unimontes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Território. Montes Claros. Fevereiro 2019.

HEALY, Karen; HAYNES, Michele; HAMPSHIRE, Anne. Gender, social capital and location: Understanding the interactions. **International Journal of Social Welfare**, v. 16, n. 2, p. 110-118, 2007.

HEREDIA, B.; CINTRÃO, R. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. In: UNIFEM. O progresso das mulheres no Brasil. Brasília: Unifem; Fundação Ford; Cepia, 2006. p. 103-131.

HOLZMANN, Lorena. "Divisão sexual do trabalho". In: CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 1. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006. p.103-106.

INTERNATIONAL WOMEN'S HEALTH COALITION. Disponível em: <https://iwhc.org/articles/quarta-conferencia-mundial-das-nacoes-unidas-sobre-mulher/#:~:text=A%20Quarta%20Confer%C3%Aancia%20Mundial%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20sobre,de%20todas%20as%20confer%C3%Aancias%20mundiais%20sobre%20a%20mulher>. Acesso em dezembro de 2021.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero, feminismo e Serviço Social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão. **Revista Katálysis**, v. 13, p. 66-75, 2010.

LOWNDES, Vivien. Women and social capital: A comment on Hall's 'social capital in Britain'. **British journal of political science**, v. 30, n. 3, p. 533-537, 2000.

MACHADO, Hilka Vier et al. O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE eletrônica**, v. 2, 2003.

MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, p. 547-566, 2010.

MAIA, Cláudia J. **Trabalho, família e gênero**: estratégias de reprodução social camponesa no Médio Jequitinhonha. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, FEE, v. 4, 2004.

MALINOWSKI, B. A ciência e a alteridade: uma descrição densa/ cultura e fato social total- Argonautas do pacífico ocidental. 2a edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINEZ, Rossana Vitelli. Capital social, participação e cidadania no meio rural: uma perspectiva de gênero. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-

Graduação em Sociologia, **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2010.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Estudo de caso etnográfico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n.2, p. 167-180, 2001.

MEDEIROS, Leonilde, Sérvolo de. História dos movimentos sociais no campo / Leonilde Sérvolo de Medeiros. — Rio de Janeiro FASE, 1989.

MENDES FILHO, Fabrício. Capital Social: usos e definições do conceito nas Ciências Sociais. *Revista Três Pontos*, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS - MMC Brasil. Feminismo camponês e popular. MDA Comunicação Integrada. Impressão: Passografic, Outubro de 2018.

MULS, Leonardo M. Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais. **Revista EconomiA**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2008.

NELSON, Richard R. Recent evolutionary theorizing about economic change. **Journal of economic literature**, v. 33, n. 1, p. 48-90, 1995.

OAKLEY, Ann. Sex, **Gender and Society**. Nova York: Harper, 1972, p. 158-172.

ONYX, Jenny; LEONARD, Rosemary. **The relationship between formal and informal volunteering**: A social capital framework. In: ISTR Fifth International Conference. Transforming Civil Society, Citizenship and Governance: The Third Sector in an Era of Global (Dis) Order. 2002.

PAULILO, M. I. A mulher e a terra no Brejo Paraibano. In: BRUSCHINE, M. C.; ROSEMBERG, F. **Trabalhadoras do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 163-190

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 229-252, 2004. 14

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev. 1987.

PLASCENCIA, Jorge. Tres visiones sobre capital social: Bourdieu, Coleman y Putnam. **Acta republicana: política y sociedad**, v. 4, n. 4, p. 21-36, 2005.

PORTES, Alejandro. **Capital Social**: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea. *Sociologia, Problemas E Práticas*, n.º 33, 2000, pp. 133-158

PUTNAM, R. Making democracy work. Princeton university press, 1993.

PUTNAM, R. Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community. Simon & Schuster, 2000

QUEIROZ, Daniela Mendes. Mulheres do Campo, Reconhecimento e Trabalho na Construção de Outras Economias em Porteirinha – MG. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Território. Montes Claros, 31 de julho de 2018.

SACCHET, Teresa. Capital social, gênero e representação política no Brasil. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 15, nº 2, Novembro, 2009, p.306-332

SANTIN, Kátia Regina. Processo de Gestão Feminino na Empresa Rural. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Administração. Chapeco-SC, 2017.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade na agricultura familiar / Sergio Schneider. – 2. ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.258 p.

SEHNEM, Alyne; MACKE, Janaina. Fatores explicativos do capital social no extremo oeste catarinense. Organizações & Sociedade, v. 22, p. 309-324, 2015.

SILIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela. As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Segurança Alimentar e Nutricional, v. 18, n. 2, p. 13-32, 2011.

SILVA, Carolina Braz de Castilho; SCHNEIDER, Sérgio. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; DE MENEZES, Marilda Aparecida (Org.). Gênero e geração em contextos rurais. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p. 183-208.

SILVA, Gercina Gonçalves; CHEUNG, Thelma Luchese; VILPOUX, Olivier Francois; SANCHES, Fabricia Teixeira. Capital Social E Cooperação Na Agricultura Familiar: Uma Análise Comparativa Entre Os Estados De Mato Grosso Do S Ul E Santa Catarina Organizações Rurais & Agroindustriais, Vol. 16, Núm. 2, Mayo-Agosto, 2014, Pp. 153-166

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres Trabalhadoras Rurais Trajetórias E Memórias. RURIS.VOLUME.4, NÚMERO2, SETEMBRO, 2010.

THOMAS, Gary. A typology for the case study in social science following a review of definition, discourse, and structure. Qualitative inquiry, v. 17, n. 6, p. 511-521, 2011.

TORRES, Luis Méndez. Tratado breve de la cultivación y cura de las colmenas. Ordenanzas de colmenería de la ciudad de sevilla y su tierra. Junta de Andalucía. Alcalá de Henares, 1586.

TRAMONTINA, Robison; SCHMITZ, Gabriele Ana Paula Danielli. Empoderamento Feminino: uma análise a partir da teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu. Revista de Gênero, Sexualidade e Direito. e-ISSN: 2525-9849. Brasília, v.3, n.1, p.98-107, Jan/Jun. 2017.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. Revista SoCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VILAS BOAS, Lucas Guedes. A atuação das cooperativas na agricultura familiar do município de Nepomuceno-MG [manuscrito]: integração ao modo de produção capitalista e perda de soberania alimentar / Lucas Guedes Vilas Boas. – 2019. 328 f., enc.: il. (principalmente color.)

VILPOUX, Olivier F.; OLIVEIRA, Eule José de. Instituições informais e governanças em arranjos produtivos locais. **R. Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 85-111, jan./abr. 2010

VAN DER SCHAAF, Alie. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. *Sociologias*, p. 412-442, 2003.

YIN, Roberto. *Case Study Research, 5th Edition*. ISBN 9781452242569. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5º ed. Versão impressa 2015. Bookman, Porto Alegre-RS, 2015.

ZAINAL, Zaidah. Case study as a research method. *Jurnal kemanusiaan*, v. 5, n. 1, 2007.

## **ANEXO I —ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM MULHERES ASSOCIADAS**

### Orientações

1. O facilitador abre os trabalhos com uma fala que informal sobre:
  - a. Apresentação pessoal e da equipe;
  - b. Agradecimento pela presença;
  - c. Apresentação da instituição responsável pela pesquisa;
  - d. Os objetivos da pesquisa e os benefícios que poderão dela advir
  - e. Caráter voluntário da participação também nas falas e como estas serão bem-vindas; a não existência de respostas "certas" ou "erradas"; regras de funcionamento do grupo;
  - f. Permissão para gravar
  - g. Uso não individualizado do material quantitativo e qualitativo coletado e sigilo das informações que ficarão sob a guarda da Universidade, sob sigilo.
  
2. Rodada de apresentação para "quebra gelo". Perguntas norteadoras: nome, local onde mora, o que você gosta e o que você não gosta
  
3. Perguntas:
  - a. Linha do tempo da associação. Perguntas norteadoras: Como começou a associação? Quem foram os primeiros sócios? Quais as principais conquistas? Quais as maiores superações? (Facilitadora deverá conduzir a discussão, incentivando a participação e troca das narradoras).
  - b. Identificação de parceiros. Perguntas norteadoras: quem são os maiores parceiros da associação? O que eles fazem, ou fizeram por ela? Quem são as pessoas de fora que mais incentivaram a associação durante sua história?
  - c. Perspectivas futuras. Perguntas norteadoras: como vocês imaginam a associação daqui 5 ou 10 anos? Vocês conseguem se ver na associação? Qual o maior sonho de vocês para a associação? O que vocês estão fazendo para atingir esse sonho? Como é a participação dos jovens na associação? Vocês incentivam os filhos a participarem?

- d. Ação coletiva. Perguntas norteadoras: Qual a frequência de reuniões? Todas participam? Normalmente, as opiniões são parecidas ou são muito diferentes? Como vocês resolvem as diferenças? Existem brigas? Como os conflitos são resolvidos? Vocês acham que fazer parte da associação reforça os relacionamentos e os laços de companheirismo e amizade? Vocês conversam de outras coisas além da associação? Vocês percebem a diferença de quem é associado e quem não pe associado? Como é essa diferença?
- e. Participação feminina. Perguntas norteadoras: Vocês sabiam que a APIGUAR é uma das associações da apicultura que mais têm mulheres? Como vocês explicam isso? Apicultura é um serviço difícil para mulheres? Quais as vantagens as mulheres levam em relação ao homem? Vocês acham que ter mais mulheres na associação faz diferença quando comparamos a APIGUAR com outras cooperativas? Quais são essas diferenças? Como as mulheres participas da associação (voto, assembleias, diretoria, tomada de decisão)? Existe diferença nas atividades desenvolvidas por mulheres e homens? Se sim, como é feita essa divisão? Existem casais que os dois são associados? Quem associou primeiro? O que mudou em casa depois que começaram a participar da associação?

## **ANEXO II — ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO**

1. Qual é a data de fundação da Associação?
2. Qual é o número total de associados? Quantos ativos?
3. Quantos são homens e quantas são mulheres?
4. Quem são as pessoas que participam da diretoria? Como são distribuídos os cargos da presidência da associação entre homens e mulheres?
5. Qual o volume médio de mel comercializado anualmente?
6. Qual o preço médio do mel?
7. Como esse mel é comercializado (granel ou tracionado)?
8. Quais os tipos de méis comercializados?
9. Como é calculado o preço pago pelo mel?
10. Quais são os produtos além do mel que a associação comercializa?
11. Quais são os serviços e benefícios ofertados pela Associação?
12. Os apicultores esperam momentos de valorização para venderem sua produção?
13. Quem são as pessoas que fazem parte da Associação?
14. A Associação fornece algum tipo de assistência técnica?
15. Quem pode se associar?
16. Existe custo para associar (cota-parte)?
17. Quais são as filosofias e políticas da Associação?
18. Existe diferença das atividades desenvolvidas por mulheres e por homens?
19. Existe diferença na produção das mulheres e na produção de homens?
20. A APIGUAR é uma associação que se destaca pela grande participação de mulheres. Como você explica isso?
21. Existem associados casais (tanto o homem quanto a mulher são associados)? É possível perceber alguma diferença antes o casal socio e o associado individual?
22. Como ocorrem o retorno pro associado do que é vendido em conjunto?
23. Para quem o mel é vendido?
24. Existe algum material ofertados aos associados?
25. Há algum desconto aos associados na compra destes materiais?
26. Como é a adesão de novos associados?



### ANEXO III – ROTEIRO DE ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

1. Nome do entrevistado (acho que não será necessário, pode ser preenchido antes)	2. Idade
3. Comunidade (ver se faz sentido) ou rural/urbano	4. Há quanto tempo vive aqui?
5. Você é natural de qual cidade/UF?	6. Alguma pessoa saiu de casa nos últimos 10 anos? [ ] Não [ ] Sim, quantas?
7. Apicultor(a)? [ ] sim [ ] não Há quanto tempo? O que você gosta na apicultura e o que você não gosta?	8. Para as pessoas que saíram foram? [ ] centro urbano próximo [ ] outra cidade [ ] outro estado
9. Possui parentes na comunidade? [ ] sim [ ] não	10. Número de pessoas residentes no domicílio
11. Situação Conjugal: [ ] Casado [ ] Solteiro [ ] Amasiado [ ] Viúvo [ ] Separado	Número crianças
12. Qual sua escolaridade? ( ) analfabeto ( ) fundamental completo ( ) fundamental incompleto ( ) ensino médio completo ( ) ensino médio incompleto ( ) ensino superior	13. Você participaria de um grupo no whatsapp que falasse de apicultura? Se sim qual o contato?
Além a apicultura, o que mais você e sua família fazem para se sustentar ( ) lavoura ( ) pecuária ( ) extrativismo ( ) trabalha fora ( ) aposentado ( ) comerciante ( ) outro	Recebe bolsa família ou outro tipo de auxílio do governo? [ ] sim [ ] não
Qual seria o principal benefício em participar da associação?	Quantas caixas possui?
Como você começou na apicultura?	Quais as principais mudanças aconteceram dentro de casa após você iniciar na apicultura?
Como você combina as atividades na apicultura com as outras tarefas da casa?	

## **ANEXO IV – ROTEIRO DE ENTREVISTA GRUPO FOCAL**

### **EIXO 1:**

Passado e futuro da associação – primeiro dia de interação do grupo

Como começou a associação?

Quem foram os primeiros sócios/ participantes? Havia mulheres entre os fundadores?

Quais as principais conquistas/ vitórias?

Quais as maiores superações/ dificuldades enfrentadas?

Quem são os parceiros da associação? Quem podemos contar na hora que precisamos?

Como eles ajudam?

Como vocês imaginam a associação daqui 5 ou 10 anos?

Qual o maior sonho de vocês para a associação?

O que vocês estão fazendo para atingir esse sonho?

Como é a participação dos jovens na associação?

### **EIXO 2:**

Participação feminina, divisão do trabalho e outros aspectos sociais – após dois dias do primeiro contato

Perguntas norteadoras:

Vocês consideram apicultura um serviço difícil/pesado para mulheres?

Vocês acham que deva existir diferença entre atividades realizadas por homens e por mulheres?

Vocês acham que ter mais mulheres na associação faz diferença quando comparamos com outras associações/cooperativas? Você consegue identificar quais são essas diferenças?

Quando homem e mulher trabalham com apicultura na mesma casa, é feita alguma divisão da produção?

O que mudou em casa depois que começaram a participar da associação?

Como vocês dividem o tempo entre a apicultura e outras atividades que cada um tem que fazer?

### EIXO 3:

Ação coletiva e apicultura. Depois de quatro dias do primeiro do contato

Perguntas norteadoras:

Qual a frequência de reuniões?

Como vocês avaliam a participação dos associados nas reuniões?

Existem diferenças de opiniões dentro da associação? Pessoas que pensam diferentes?

Vocês acham isso bom?

Como vocês resolvem as diferenças?

Vocês acham que fazer parte da associação reforça os relacionamentos e os laços de companheirismo e amizade?

Vocês acham que tem diferença entre as pessoas que fazem parte da associação e aquelas que não fazem?

Qual a opinião de vocês sobre a apicultura?

Quais as dificuldade enfrentada por vocês na apicultura?

## **ANEXO IV – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa: **ABELHAS RAINHAS: UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA E A CONSTRUÇÃO DE CAPITAL SOCIAL JUNTO À AGRICULTURA FAMILIAR.**

Vamos lhe explicar o que pretendemos fazer, para que você possa decidir se gostaria de participar. Por favor, leia as informações abaixo para depois decidir se aceita participar deste estudo ou não.

Este trabalho tem como objetivo identificar como as mudanças nas relações de trabalho e de produção, mais especificamente a inserção feminina na atividade apícola, afetam as principais questões de gênero nas relações sociais estabelecidas entre membros das famílias rurais que essas mulheres participam e sua contribuição na forja do capital social em suas localidades. A percepção de um(a) apicultor(a) como você nos auxiliará na identificação da presença do capital social e entender como as relações se estabelecem. A sua decisão de participar ou não deste estudo é livre e autônoma, e você poderá escolher continuar ou não o questionário a qualquer momento, sem qualquer ônus pessoal.

Para participar da pesquisa, basta responder as perguntas que serão feitas através de contato por telefone celular (ligação ou aplicativo de mensagem) com questões que foram elaboradas especialmente para esse trabalho. O tempo necessário é de aproximadamente 20 minutos. Em um segundo momento você será encaminhado para um grupo de interação social, para que passa ocorrer a segunda etapa da pesquisa.

Asseguramos o seu direito de omissão de dados que possam comprometer você ou a terceiros. Os dados coletados junto a todas as participantes se destinam à elaboração de artigos, dissertações, teses e capítulos de livros, sob a responsabilidade do Professor Dr. Fausto Makishi.